

Painel do Agronegócio no Rio Grande do Sul – 2016

setembro/2016

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL

TODOS
PELO RIO GRANDE

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO,
MOBILIDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Fundação de Economia e Estatística
Centro de Estudos Econômicos e Sociais
Núcleo de Estudos do Agronegócio

Painel do Agronegócio no Rio Grande do Sul – 2016

Pesquisadores: Rodrigo Daniel Feix
Sérgio Leusin Júnior
Carolina Agranonik

Bolsista: Lucas José Cerutti Leão

Porto Alegre, setembro de 2016



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA Siegfried Emanuel Heuser

CONSELHO DE PLANEJAMENTO: André F. Nunes de Nunes, Angelino Gomes Soares Neto, André Luis Vieira Campos, Fernando Ferrari Filho, Ricardo Franzói e Carlos Augusto Schlabit.

CONSELHO CURADOR: Luciano Feltrin, Olavo Cesar Dias Monteiro e Gerson Péricles Tavares Doyll.

DIRETORIA

DIRETOR TÉCNICO: MARTINHO ROBERTO LAZZARI

DIRETORA ADMINISTRATIVA: NÓRA ANGELA GUNDLACH KRAEMER

CENTROS

ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS: Vanclei Zanin

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO: Rafael Bassegio Caumo

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS: Juarez Meneghetti

INFORMÁTICA: Valter Helmuth Goldberg Junior

INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: Susana Kerschner

RECURSOS: Graziela Brandini de Castro

Como referenciar este trabalho:

FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S.; AGRANONIK, C. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul – 2016**. Porto Alegre: FEE, 2016

Sumário

Introdução	4
1 O que é o agronegócio?	5
2 A agropecuária, o agronegócio e a economia gaúcha	6
Ocupação do solo e estrutura fundiária	6
Valor Adicionado e Produto Interno Bruto	8
Valor da produção agropecuária	11
Exportações	13
População rural, pessoal ocupado e emprego com carteira assinada	15
3 Características da agricultura gaúcha	18
Exportações agrícolas e de produtos derivados	23
Emprego formal celetista na agricultura e nos setores agroindustriais vinculados	24
4 Características da pecuária gaúcha	25
Exportações da pecuária e de produtos de origem animal	29
Emprego formal celetista na pecuária e nos setores agroindustriais vinculados	31
5 Agricultura familiar e cooperativismo agropecuário no Rio Grande do Sul	32
Agricultura familiar	32
Financiamento da agricultura familiar	36
Cooperativismo	38
6 Máquinas e implementos agrícolas	39
Considerações finais	50
Referências	50

Painel do Agronegócio no Rio Grande do Sul – 2016*

Introdução

Entre os dias 27 de agosto e 4 de setembro de 2016, realiza-se a 39ª edição da Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários (Expointer), uma das maiores e mais tradicionais feiras do agronegócio brasileiro. Em 2015, a feira atraiu mais de 545.000 visitantes e movimentou aproximadamente R\$ 1,7 bilhão em negócios.

Desde 2015, aproveitando a ocasião da Expointer, a Fundação de Economia e Estatística (FEE) passou a divulgar o **Painel do Agronegócio do Rio Grande do Sul**, que disponibiliza um amplo conjunto de informações sobre o agronegócio, em suas diferentes dimensões. O objetivo é contribuir para a análise conjuntural e ampliar o entendimento da sociedade sobre o papel desse setor no processo de desenvolvimento econômico gaúcho e brasileiro.

Mantendo o formato da versão anterior, que teve aproximadamente 20.000 *downloads*, esta edição apresenta e analisa brevemente informações sobre:

- a importância da agropecuária para a economia gaúcha;
- os principais segmentos da agropecuária do Rio Grande do Sul;
- a agricultura familiar e o cooperativismo agropecuário;
- a indústria de máquinas e implementos agrícolas.

A publicação busca oferecer ao público especializado informações e análises com o máximo de atualização. Porém não há estatísticas anuais para todas as variáveis abrangidas pela análise. Essa limitação é mais evidente para as análises cuja única fonte é o **Censo Agropecuário** do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado pela última vez em 2006. Além das informações disponibilizadas pela FEE e pelo IBGE, o trabalho utiliza dados oficiais de diversas outras fontes, como Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação do RS (Seapi), Banco Central do Brasil (BCB) e Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

* Os autores agradecem às equipes da Divisão de Economia e Política Agrícola e da Divisão de Controle e Informações Sanitárias da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação, pela disponibilização de estatísticas e pelo apoio na divulgação da publicação. Os créditos dos mapas contidos no trabalho são da Geógrafa Mariana Lisboa Pessoa, e as figuras foram elaboradas pela *Designer* Gráfica Gabriela Santos da Silva. As incorreções e as opiniões emitidas no documento são de responsabilidade exclusiva dos autores, não refletindo, necessariamente, o posicionamento institucional da FEE.

1 O que é o agronegócio?

Para o adequado dimensionamento da atividade agropecuária e do agronegócio, antes de iniciar a análise dos dados disponíveis para o RS, são apresentados alguns conceitos elementares. A **agropecuária** pode ser entendida como a junção das atividades agricultura, pecuária, silvicultura e exploração vegetal e pesca. Essas atividades abrangem:

- **agricultura** - cultivo de cereais, cana-de-açúcar, soja, frutas, café e outros produtos das lavouras temporárias e permanentes;
- **pecuária** - criação de bovinos, suínos e aves e de outros animais e produção dos produtos derivados na propriedade rural;
- **silvicultura e exploração florestal** - produção de lenha, madeira em tora, madeira para celulose e outros produtos da exploração florestal;
- **pesca** - produção de pescado fresco.

Juntamente com a indústria extrativa, a agropecuária constitui o Setor Primário da economia, que é responsável pelo fornecimento de um amplo conjunto de matérias-primas para outros setores de atividade econômica e de produtos finais.

Existe uma substancial diferença entre **agropecuária** e **agronegócio**. O conceito de agronegócio deriva da expressão “agribusiness”, atribuída a Davis e Goldberg (1957), e refere-se ao conjunto das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas; das operações de produção na fazenda; do armazenamento, do processamento, da industrialização e da distribuição dos produtos agrícolas.

Portanto, além das atividades agropecuárias — de base empresarial ou familiar —, o agronegócio engloba a produção de insumos e de bens de capital (fertilizantes, defensivos, máquinas agrícolas); a indústria de transformação de matéria-prima agropecuária (alimentos, biocombustíveis, fumo); e as atividades especializadas na oferta de serviços agropecuários e na armazenagem e distribuição dos produtos do agronegócio.

Para fins de análise, comumente as atividades do agronegócio são classificadas em segmentos segundo sua posição em relação à atividade agropecuária. As agropecuárias constituem o segmento “dentro da porteira” e as situadas à montante e à jusante da agropecuária formam, respectivamente, os segmentos “antes da porteira” e “depois da porteira”.

Para a caracterização econômica do RS, o conceito de agronegócio oferece uma imagem mais precisa, pois permite a visualização dos rebatimentos das atividades agropecuárias no conjunto da economia regional e sua articulação com o restante do Brasil. Porém a circunscrição das atividades econômicas que constituem o agronegócio ainda envolve um processo experimental. No Brasil, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea-Esalq-USP) é a principal referência na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro e suas principais cadeias produtivas. No RS, desde fevereiro de 2016, o Núcleo de Estudos do Agronegócio da FEE divulga informações sobre as exportações de bens e o emprego formal celetista gaúcho e brasileiro.

A análise que segue apresenta informações referentes às principais atividades agropecuárias (segmento “dentro da porteira”), agroindustriais (segmento “depois da porteira”) e da indústria de máquinas e implementos agrícolas (segmento “antes da porteira”) presentes no território gaúcho. Por sua relevância socioeconômica e produtiva,

algumas informações a respeito da agricultura familiar e do cooperativismo agropecuário também são apresentadas.

Figura 1

O que é o agronegócio?



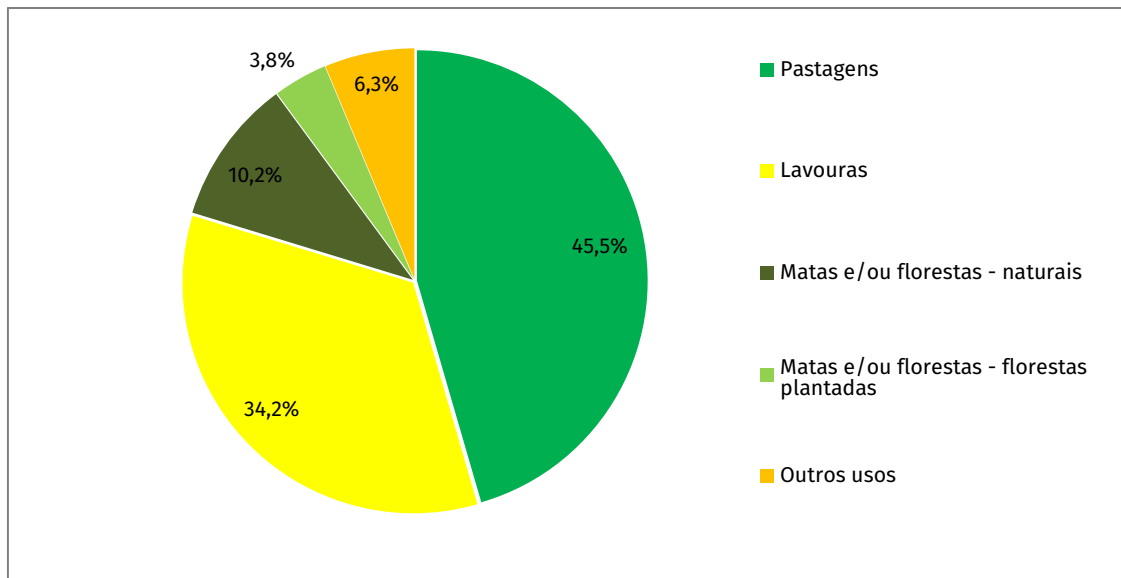
2 A agropecuária, o agronegócio e a economia gaúcha

Ocupação do solo e estrutura fundiária

Segundo os dados do **Censo Agropecuário 2006** (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009), existem, no RS, mais de 440.000 estabelecimentos agropecuários, perfazendo uma área de 20,3 milhões de hectares. Em torno de 45% da área dos estabelecimentos agropecuários do RS são ocupadas por pastagens e 34% por lavouras permanentes e temporárias.

Figura 2

Uso da terra nos estabelecimentos agropecuários do RS — 2006



FONTE: Censo Agropecuário 2006 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

A estrutura fundiária do RS varia significativamente em termos regionais. Dentre os estabelecimentos agropecuários do Estado mapeados pelo **Censo Agropecuário 2006**, mais de 284.000 possuíam menos de 20 hectares, o que equivale a quase dois terços do total. Em conjunto, esses estabelecimentos ocupavam apenas 11,4% da área agropecuária. Os condicionantes históricos e econômicos da ocupação do território gaúcho e as diferenças edafoclimáticas determinaram que uma parcela expressiva dos estabelecimentos de menor porte se concentrasse na mesorregião Noroeste. As regiões da Campanha, Sul e Fronteira Oeste caracterizam-se pela maior frequência de estabelecimentos de maior porte, especializados na pecuária de corte e no cultivo de arroz. No Estado, as propriedades com mais de 1.000 hectares correspondem a 0,6% do total e concentram 27,2% da área agropecuária. No Brasil, essa participação é ainda maior (45,0% do total).

Tabela 1

Número de estabelecimentos e área dos estabelecimentos agropecuários, por grupos de área total, no Rio Grande do Sul — 2006

GRUPOS DE ÁREA TOTAL	ESTABELECEMENTOS		ÁREA	
	Número de estabelecimentos	%	Hectares (ha)	%
Menos de 10ha	171.582	38,9	779.381	3,8
De 10ha a menos de 20ha	112.563	25,5	1.548.430	7,6
De 20ha a menos de 50ha	94.667	21,4	2.767.630	13,6
De 50ha a menos de 100ha	25.380	5,7	1.706.853	8,4
De 100ha a menos de 200ha	12.600	2,9	1.704.206	8,4
De 200ha a menos de 500ha	10.472	2,4	3.215.825	15,8
De 500ha a menos de 1.000ha	4.508	1,0	3.067.244	15,1
De 1.000ha a menos de 2.500ha	2.317	0,5	3.372.814	16,6
De 2.500ha e mais	526	0,1	2.164.331	10,6
Produtor sem área	6.857	1,6	-	-
Total	441.472	100,0	20.326.715	100,0

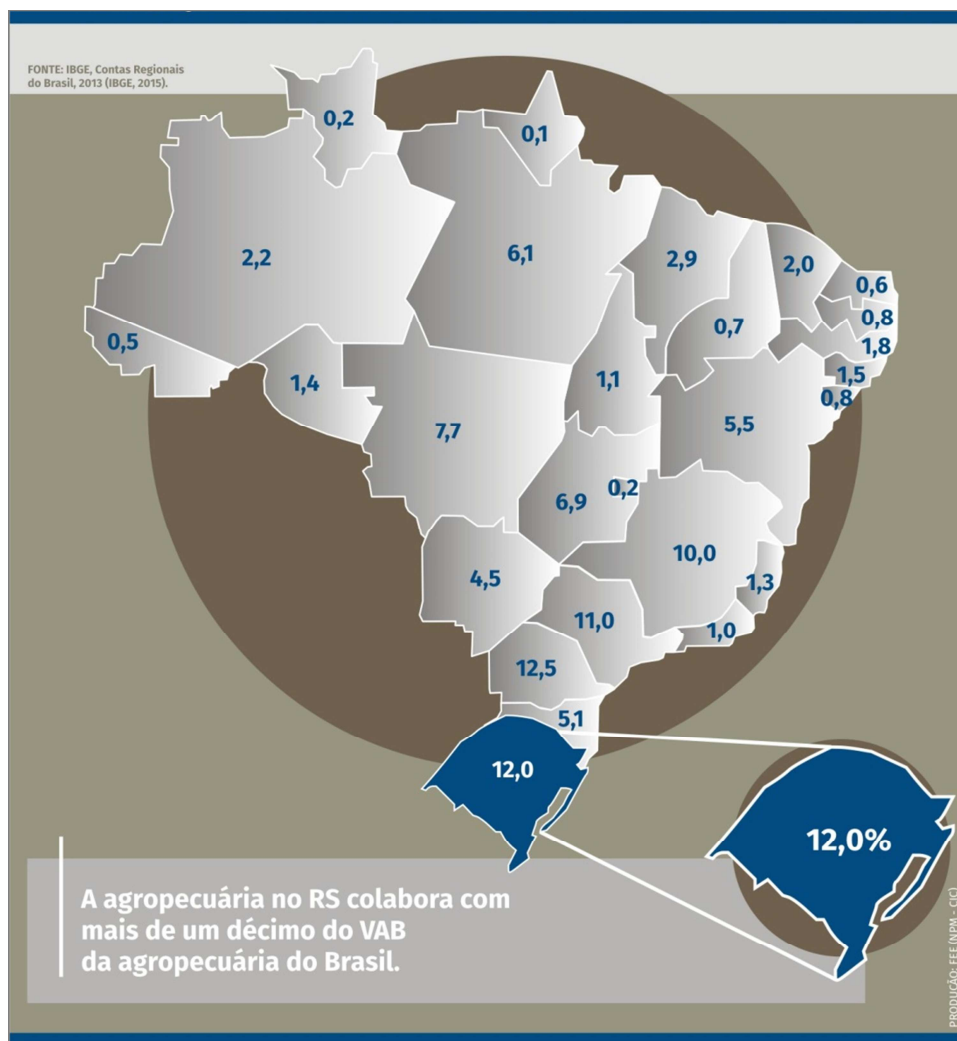
FONTE DOS DADOS BRUTOS: Censo Agropecuário 2006 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

Valor Adicionado e Produto Interno Bruto

Em 2013, o RS contribuía com 12% do total do Valor Adicionado Bruto (VAB¹) da agropecuária brasileira, ocupando a segunda posição no *ranking* nacional, atrás apenas do Paraná (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015). Esse é o último ano com estatísticas disponíveis na série das Contas Regionais do IBGE. Em termos de Valor Adicionado, a contribuição gaúcha para a agricultura nacional é superior à da pecuária (13,2% e 10,8% respectivamente).

Figura 3

Participação percentual dos estados no Valor Adicionado Bruto (VAB) total da agropecuária do Brasil — 2013



FONTE: Contas Regionais do Brasil — 2010-13 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015).

Em 2013, a agropecuária participou com 10,1% do VAB total do RS (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2015). Destes, 72% correspondiam à agricultura, 23% à pecuária e 5% à produção florestal, pesca e aquicultura. Desde 2010, essa participação oscilou entre 6,7% e 10,1%, sendo influenciada, sobretudo, pela produtividade,

¹ VAB é o valor que a atividade agrega a bens e serviços no seu processo produtivo. É a contribuição ao Produto Interno Bruto (PIB) das diversas atividades econômicas, obtida pela diferença entre o valor de produção e o consumo intermediário absorvido por essas atividades.

medida sensível às condições climáticas e às inovações no processo produtivo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), no Brasil, a agropecuária participa com cerca de 5% do VAB total, o que indica uma maior dependência da economia do RS em relação a esse setor, quando comparado ao restante do País.

Em termos regionais, a importância da agropecuária para a geração de renda no Estado é ressaltada. Segundo as estatísticas do PIB Municipal, calculadas pela FEE, **em 2013 a agropecuária era a principal atividade econômica em 147 municípios gaúchos** (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2015a). Essa característica é mais frequente entre os municípios interioranos com menos de 5.000 habitantes.

Numa perspectiva sistêmica, a influência da agropecuária do RS no conjunto da economia também é superior à sugerida pelos números agregados segundo os setores de atividade econômica. Isso porque a atividade primária do agronegócio interliga-se com setores a montante (antes da porteira) – que fornecem insumos, máquinas e implementos, assistência técnica e financiamento – e com setores a jusante (depois da porteira) – responsáveis pelo processamento e pela distribuição da produção agropecuária. Alguns estudos sugerem que o produto do agronegócio equivale a quase um terço do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho (PORSSE, 2003), porém não há estimativas atualizadas a esse respeito.

A análise do valor das saídas das indústrias extrativa e de transformação do RS, variável indicativa do Valor Bruto da Produção (VBP²), aponta que as atividades características do agronegócio contribuem com mais de 30% do total (Tabela 2). Essa magnitude é reveladora dos encadeamentos da agropecuária e o restante da economia gaúcha.

Tabela 2

Estrutura do valor das saídas fiscais da indústria, por grupos de atividades, do Rio Grande do Sul – 2014

INDÚSTRIAS EXTRATIVAS E DE TRANSFORMAÇÃO	PARTICIPAÇÃO %
Atividades do agronegócio	31,0
Abate e fabricação de produtos de carne	6,0
Fabricação de tratores e de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária	5,9
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	5,1
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	3,3
Laticínios	2,8
Fabricação de bebidas alcoólicas	2,4
Fabricação de outros produtos alimentícios	1,9
Curtimento e outras preparações de couro	1,1
Fabricação de produtos do fumo	1,0
Processamento industrial do fumo	0,9
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	0,5
Desdobramento de madeira	0,1
Preservação do pescado e fabricação de produtos do pescado	0,1
Fabricação de defensivos agrícolas	0,0
Outras atividades	69,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secretaria da Fazenda (Sefaz-RS), Valor das Saídas Fiscais do RS (RIO GRANDE DO SUL, 2016).

NOTA: Elaboração do Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais-Centro de Estudos Econômicos e Sociais-FEE.

² O Valor Bruto de Produção é uma expressão monetária da soma dos bens e serviços produzidos em determinado território econômico, num dado período de tempo. Essa variável não é a mais indicada para o acompanhamento da atividade econômica e a determinação da renda, pois não deduz os custos dos insumos utilizados na produção.

A evolução recente das taxas de crescimento do PIB e do VAB por setores de atividade também contribuem para o entendimento dessa relação entre o setor agropecuário, a economia gaúcha e a economia brasileira. Analisando-se os últimos cinco anos abarcados pela série das Contas Regionais do IBGE, observa-se que vigorou a seguinte máxima: quando o Valor Adicionado da agropecuária gaúcha cresce acima (abaixo) do PIB gaúcho, o PIB do Estado cresce acima (abaixo) do PIB brasileiro.

Tabela 3

Taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária, do Produto Interno Bruto (PIB) e participação do RS na economia do Brasil – 2011-15

ANOS	VAB DA AGROPECUÁRIA DO RS	PIB DO RS	PIB DO BRASIL	PARTICIPAÇÃO DO PIB DO RS NO PIB DO BRASIL
2011	13,8	4,4	3,9	6,1
2012	-32,4	-2,1	1,9	6,0
2013	57,0	8,2	3,0	6,2
2014(1)	-3,5	-0,4	0,1	6,3
2015(1)	13,6	-3,4	-3,8	6,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PIB Trimestral (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016).

Contas Regionais do Brasil – 2010-13 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015).

(1) Estimativas preliminares.

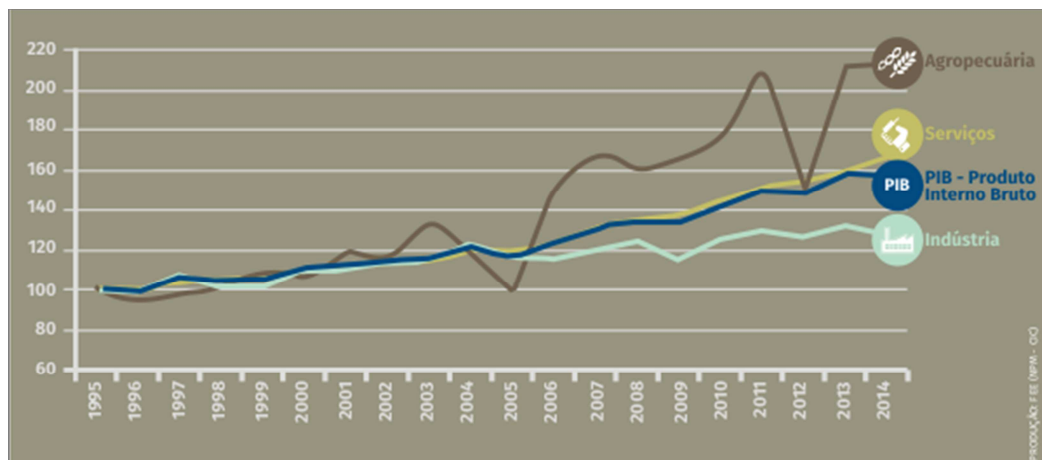
Conforme observado por Lazzari (2012), autor que, pela primeira vez, analisou essa relação, o desempenho da agropecuária torna-se decisivo na explicação da evolução da economia do Estado, ao impactar, direta e indiretamente, parcela tão significativa do PIB. O ano de 2012 foi especialmente marcante em razão do impacto das adversidades climáticas sobre o produto da agropecuária gaúcha. Afetado pelo desempenho do campo e suas repercussões na indústria e nos serviços, o PIB do Estado sofreu uma retração de 2,1% (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016).

Algumas evidências sinalizam uma maior sensibilidade da indústria, comparativamente ao setor de serviços, às flutuações na produção agropecuária do RS. Porém, ainda que isso se verifique, o setor de serviços também é afetado pelo desempenho do setor rural, dada a importância deste último como demandante para as atividades de transporte e armazenamento, e para o comércio em geral, notadamente nas regiões especializadas na produção de alimentos.

A análise comparativa da variação acumulada do PIB e do VAB dos setores de atividade na última década é ilustrativa do crescimento recente da agropecuária no RS. É evidente o novo dinamismo adquirido pelo setor a partir de meados da década passada, quando os preços internacionais dos alimentos iniciaram sua trajetória de alta, incentivando a produção agropecuária, sobretudo de grãos e oleaginosas. O setor foi o que mais cresceu em volume entre 1995 e 2014 (113,2%), muito acima do PIB (57,5%) (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2015b). O Valor Adicionado da agropecuária expandiu-se aceleradamente no Estado desde 2006, e isso ocorreu apesar das limitações impostas pela relativa inelasticidade da fronteira agrícola gaúcha. São apontados como os principais vetores desse crescimento os ganhos de produtividade, a elevação dos preços e a mudança na composição da pauta de produção agropecuária (substituição de área entre atividades).

Figura 4

Varição acumulada do Produto Interno Bruto (PIB), do Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária, da indústria e dos serviços no RS — 1995-2014



FONTE: PIB Estadual (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2015b).

NOTA: Os índices têm como base 1995 = 100.

Em 2015, mais uma vez a economia gaúcha teve um desempenho melhor que o brasileiro, devido ao bom resultado da agropecuária, que registrou crescimento de 13,6% no Valor Adicionado Bruto. A soja voltou a ser o destaque, com aumento de 20,4% na quantidade produzida, estabelecendo novo recorde de produção. No primeiro trimestre de 2016, em relação ao mesmo período do ano anterior, a agropecuária sofreu uma retração de 8,1% no VAB. Os principais responsáveis por essa queda foram o arroz e o fumo, culturas importantes para a composição do Valor Adicionado do primeiro trimestre, que tiveram redução das quantidades produzidas devido à ocorrência de eventos climáticos que afetaram a produtividade (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016).

Valor da produção agropecuária

O valor da produção é a variável econômica com informações mais desagregadas e recentes para avaliar a atividade agropecuária. Estimativas do MAPA apontam que o VBP³ da agropecuária do RS somou R\$ 59 bilhões em 2015. A produção pecuária totaliza R\$ 19,1 bilhões (32,3%), e a agricultura, R\$ 39,9 bilhões (67,7%). Para 2016, é projetada uma queda real de, aproximadamente, 4% no VBP do RS (BRASIL, 2016).

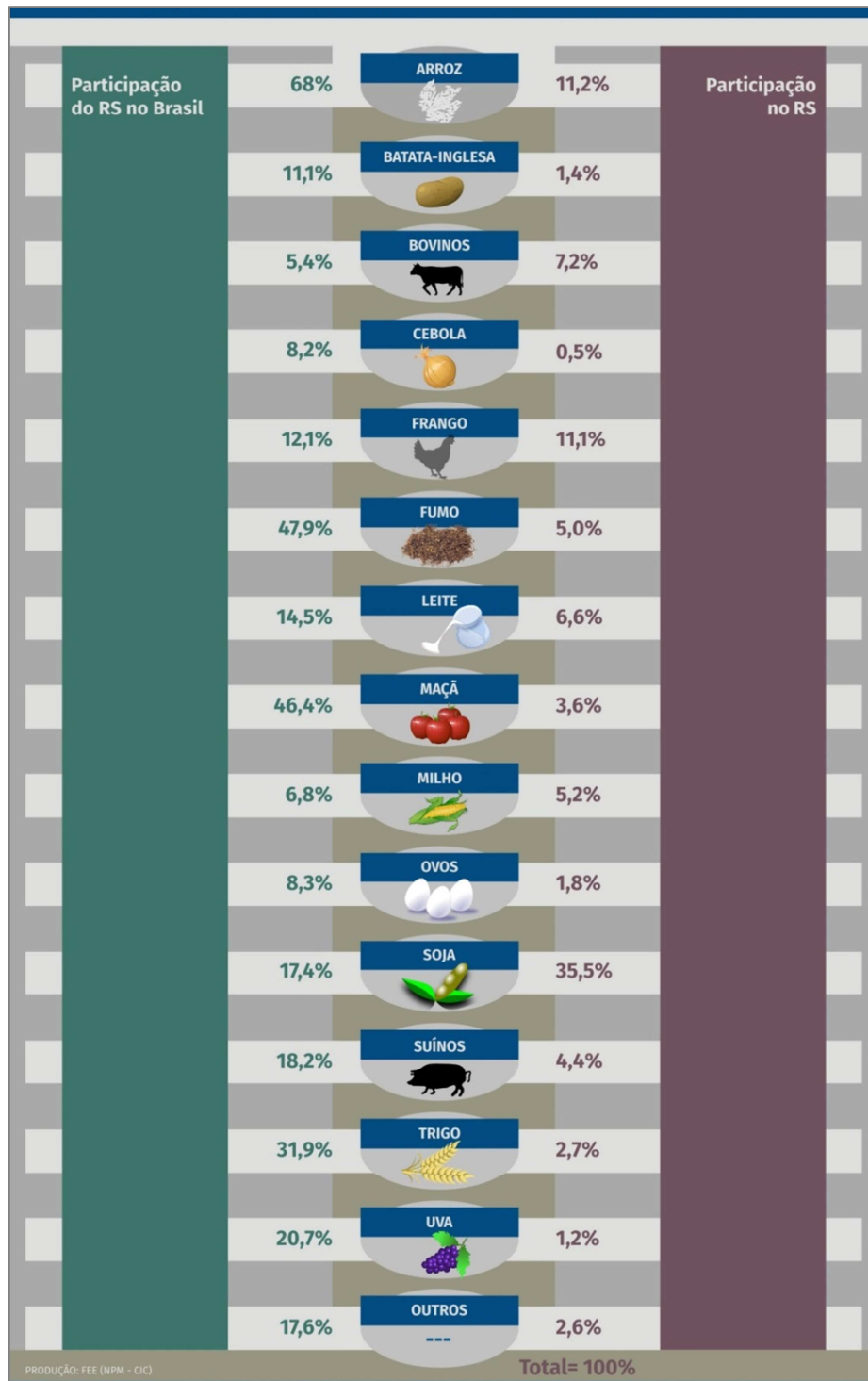
Entre 2007 e 2015, a agropecuária gaúcha cresceu 42,8%. Os produtos que mais contribuíram para o crescimento do valor produzido no período foram: soja (23,8 p.p.), arroz (6,3 p.p.), leite (5,2 p.p.), bovinos (4,0 p.p.) e suínos (3,2 p.p.). As maiores variações positivas foram observadas no valor da produção de tomate (252,0%), soja (105,8%), ovos (97,7%), leite (94,9%) e cebola (92,1%). No extremo oposto, trigo (-32,0%), fumo (-14,2%), uva (-13,5%) e milho (-12,4%) foram os produtos com importância significativa na produção agropecuária local que sofreram retração no valor da produção (BRASIL, 2016).

³ O Valor Bruto da Produção Agropecuária, calculado pelo MAPA, mostra a evolução do desempenho das lavouras e da pecuária ao longo do ano e corresponde ao faturamento bruto. É calculado com base na produção da safra agrícola e da pecuária e nos preços recebidos pelos produtores nas principais praças do País, dos 26 maiores produtos agropecuários do Brasil.

Em termos nacionais, o RS destaca-se na produção de uma série de produtos agropecuários. Na agricultura, esse é o caso das culturas do arroz, da maçã, do fumo, da uva, do trigo e da soja. Na pecuária, o destaque é a participação gaúcha na criação de suínos e frangos e na produção leiteira.

Figura 5

Participação dos principais produtos no Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária do RS e do Brasil – 2016



FONTE: MAPA, Valor Bruto da Produção Agropecuária (BRASIL, 2016).

NOTA: O cálculo das participações foi realizado com base nas estimativas realizadas em julho de 2016.

A soja, o arroz, o milho e o fumo são as culturas agrícolas com maior expressão para a composição o VBP da agropecuária do RS. Frango, bovinos, leite e suínos são os mais importantes produtos da pecuária. Se considerados em conjunto, os 10 principais produtos agropecuários contribuem com mais de 90% do VBP do setor no Estado.

Exportações

Ainda que contribua para o suprimento nacional de uma série de produtos, uma parcela expressiva da produção agropecuária gaúcha é exportada na forma de matéria-prima ou de alimentos processados. Em 2015, as exportações do agronegócio gaúcho somaram US\$ 11,6 bilhões, o que foi equivalente a mais de dois terços das exportações totais do RS naquele ano (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

No conjunto de empresas situadas no RS que exportaram mais de US\$ 100 milhões em 2015 é evidente a participação das especializadas na produção produtos do agronegócio, tais como alimentos, máquinas e equipamentos agropecuários, tabaco e celulose.

Quadro 1

Empresas que exportaram mais de US\$ 100 milhões no Rio Grande do Sul – 2015

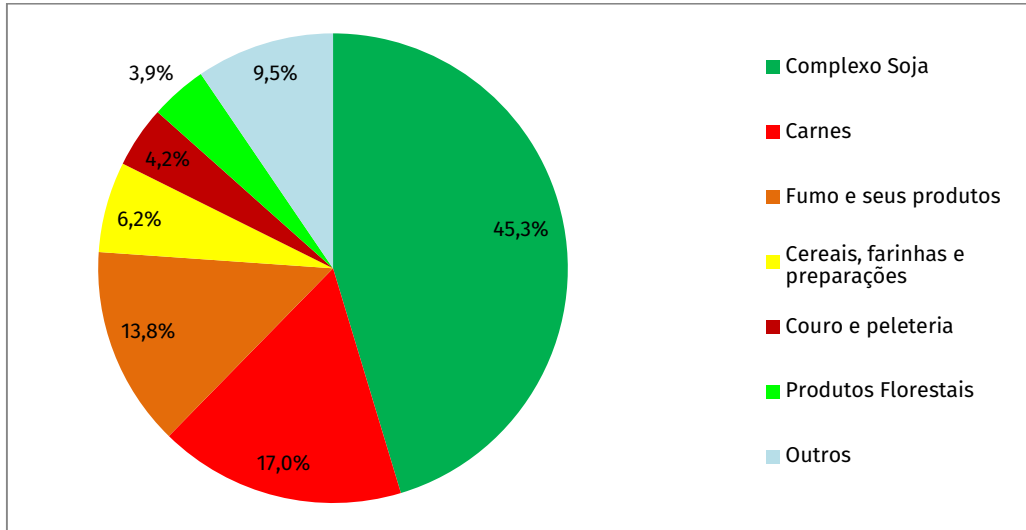
EMPRESA	MUNICÍPIO
Bunge Alimentos S/A	Rio Grande
Bianchini S/A Indústria Comércio e Agricultura	Rio Grande
Cargill Agrícola S/A	Porto Alegre
Nidera Sementes Ltda.	Porto Alegre
Braskem S/A	Triunfo
Adm do Brasil Ltda.	Porto Alegre
Ecovix - Engevix Construcoes Oceanicas S/A	Rio Grande
BTG Pactual Commodities S/A	Porto Alegre
CMPC Celulose Riograndense Ltda.	Guaíba
Universal Leaf Tabacos Ltda.	Santa Cruz do Sul
JBS Aves Ltda.	Montenegro
Louis Dreyfus Commodities Brasil S/A	Cruz Alta
General Motors Do Brasil Ltda.	Gravataí
Brf S/A	Rio Grande
Souza Cruz S/A	Santa Cruz do Sul
Marcopolo S/A	Caxias Do Sul
Glencore Importadora E Exportadora S/A	Rio Grande
Stihl Ferramentas Motorizadas Ltda.	São Leopoldo
Petroleo Brasileiro S/A Petrobras	Canoas
Philip Morris Brasil Indústria e Comércio Ltda.	Santa Cruz do Sul
Amaggi Exportação e Importação Ltda.	Passo Fundo
China Brasil Tabacos Exportadora S/A	Venâncio Aires
Jti Processadora de Tabaco do Brasil Ltda.	Santa Cruz do Sul
Agco do Brasil Comércio e Indústria Ltda.	Canoas
BSBIOS Indústria e Comércio de Biodiesel S/A	Passo Fundo
Pirelli Pneus Ltda.	Gravataí
Noble Brasil S/A	Passo Fundo
Alibem Alimentos S/A	Santo Ângelo
Granol Indústria Comércio e Exportação S/A	Cachoeira do Sul
Pampeano Alimentos S/A	Hulha Negra
Qgi Brasil S/A	Rio Grande
Oleoplan S/A Óleos Vegetais Planalto	Canoas
Tramontina S/A Cutelaria	Carlos Barbosa
JBS Aves Ltda.	Passo Fundo

FONTES DOS DADOS BRUTOS: MDIC, Empresas brasileiras exportadoras e importadoras (BRASIL, 2016a)

Os principais setores exportadores do agronegócio gaúcho são os da soja, de carnes, de fumo e de couros. Nos últimos anos, o complexo soja (grão, farelo e óleo) ampliou sua participação no valor das vendas do setor e já responde por mais de 45% do total.

Figura 6

Principais setores exportadores do agronegócio do Rio Grande do Sul – 2015

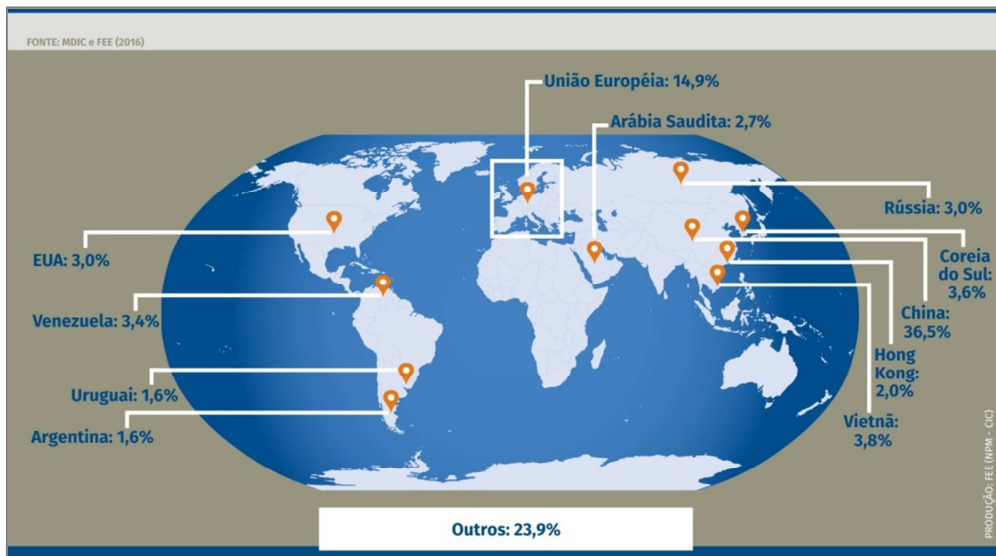


FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

Em 2015, as exportações gaúchas do agronegócio tiveram como destino 193 países. A China foi o principal comprador, tendo absorvido mais de um terço das exportações do setor. As exportações gaúchas do agronegócio para a China são constituídas principalmente de produtos do complexo soja, que responderam por 86,8% do total no último ano. Em seguida, aparecem União Europeia, Vietnã, Coreia do Sul, Venezuela, Rússia e Estados Unidos.

Figura 7

Principais destinos das exportações de produtos do agronegócio gaúcho – 2015

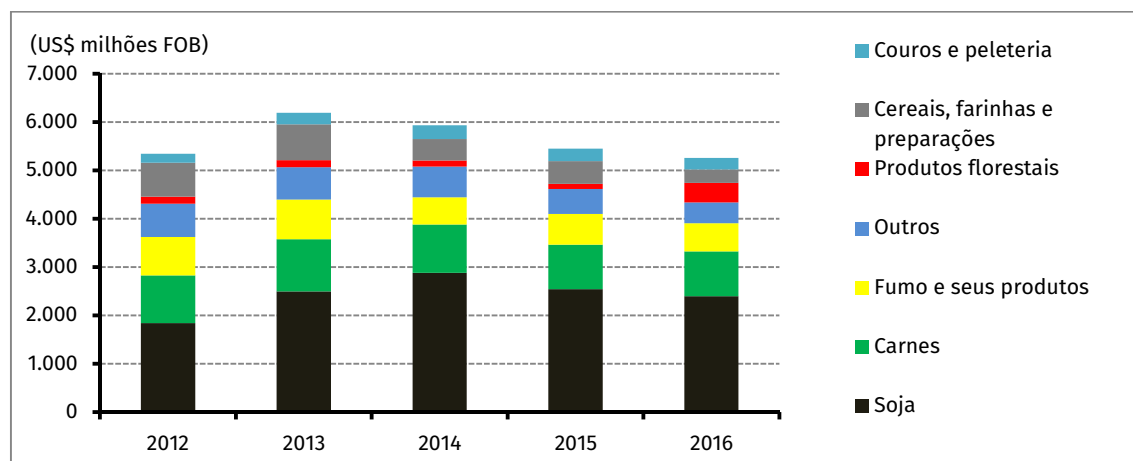


FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).
 NOTA: Em percentual do valor em dólares.

No primeiro semestre de 2016, as exportações do agronegócio gaúcho somaram US\$ 5,257 bilhões. Em relação a igual período do ano anterior, houve incremento nos volumes embarcados (2,1%) e queda nos preços médios (-5,5%), o que determinou a retração nas vendas em dólar (-3,5%). Em valor comercializado, os principais setores exportadores no primeiro semestre do ano foram complexo soja (US\$ 2,4 bilhões; -5,7%), carnes (US\$ 926,1 milhões; 0,2%), fumo e seus produtos (US\$ 583,1 milhões; -7,7%) e produtos florestais (US\$ 404,7 milhões; 294,9%). Entre os principais setores exportadores, o único que apresentou redução no volume vendido foi o de cereais, farinhas e preparações, resultado determinado pela queda nos embarques de trigo (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a). Vale referir que, apesar de as vendas em dólar terem diminuído no primeiro semestre de 2016, o faturamento em reais aumentou em relação a 2015, devido à desvalorização cambial.

Figura 8

Exportações dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul – 1.º sem. 2012-16



FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

População rural, pessoal ocupado e emprego com carteira assinada

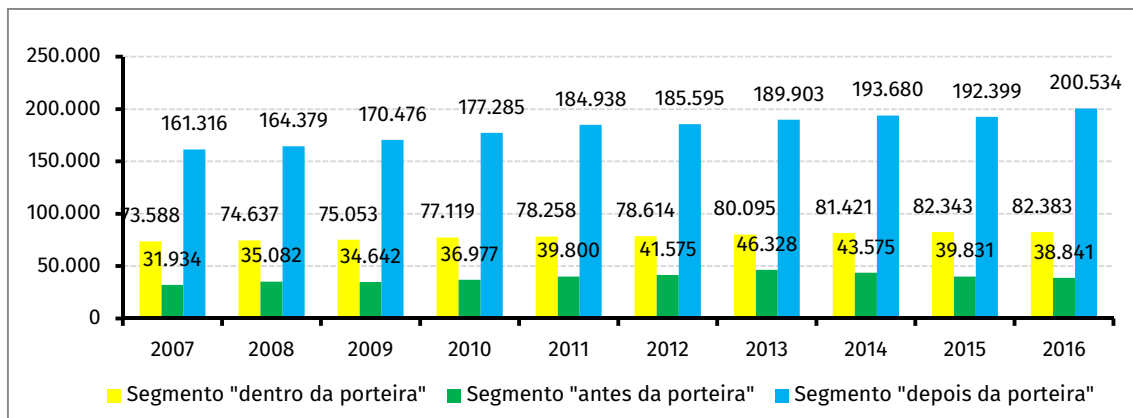
Segundo o **Censo Demográfico 2010**, a população rural do RS era de aproximadamente 1,6 milhão de pessoas, o que equivalia a aproximadamente 15% do total no Estado (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011). As mais recentes estatísticas censitárias sobre o pessoal efetivamente ocupado na agropecuária, referentes a 2006, contabilizam 1,2 milhão de pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

É sabido que apenas uma parcela reduzida do pessoal ocupado na agropecuária é constituída de trabalhadores formais celetistas (com carteira assinada). Apesar da dominância dos trabalhadores não assalariados nesse setor atividade, o emprego formal também é relevante e, diferentemente das demais formas de ocupação, pode ser acompanhado conjuntamente. De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o estoque de empregos com carteira assinada na agropecuária gaúcha era superior a 84.000 em dezembro de 2015 (BRASIL, 2016b).

Se adicionadas à análise as atividades diretamente ligadas à agropecuária, situadas a montante e a jusante desse setor de atividade, conclui-se que, em 2015, havia no agronegócio gaúcho mais de 314.000 postos de trabalho com carteira assinada (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b). Destes, 26% pertenciam ao segmento “dentro da porteira”, 13% ao segmento “antes da porteira” e 61% ao segmento “depois da porteira”. A atividade do agronegócio com maior número de trabalhadores celetistas era a de abate e fabricação de produtos de carne (59.000), seguida do comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (37.000) e da produção de lavouras temporárias (33.000).

Figura 9

Estoque de empregos formais celetistas no agronegócio do Rio Grande do Sul – 2007-16



FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).
 NOTA: As informações de 2016 referem-se ao estoque de junho.

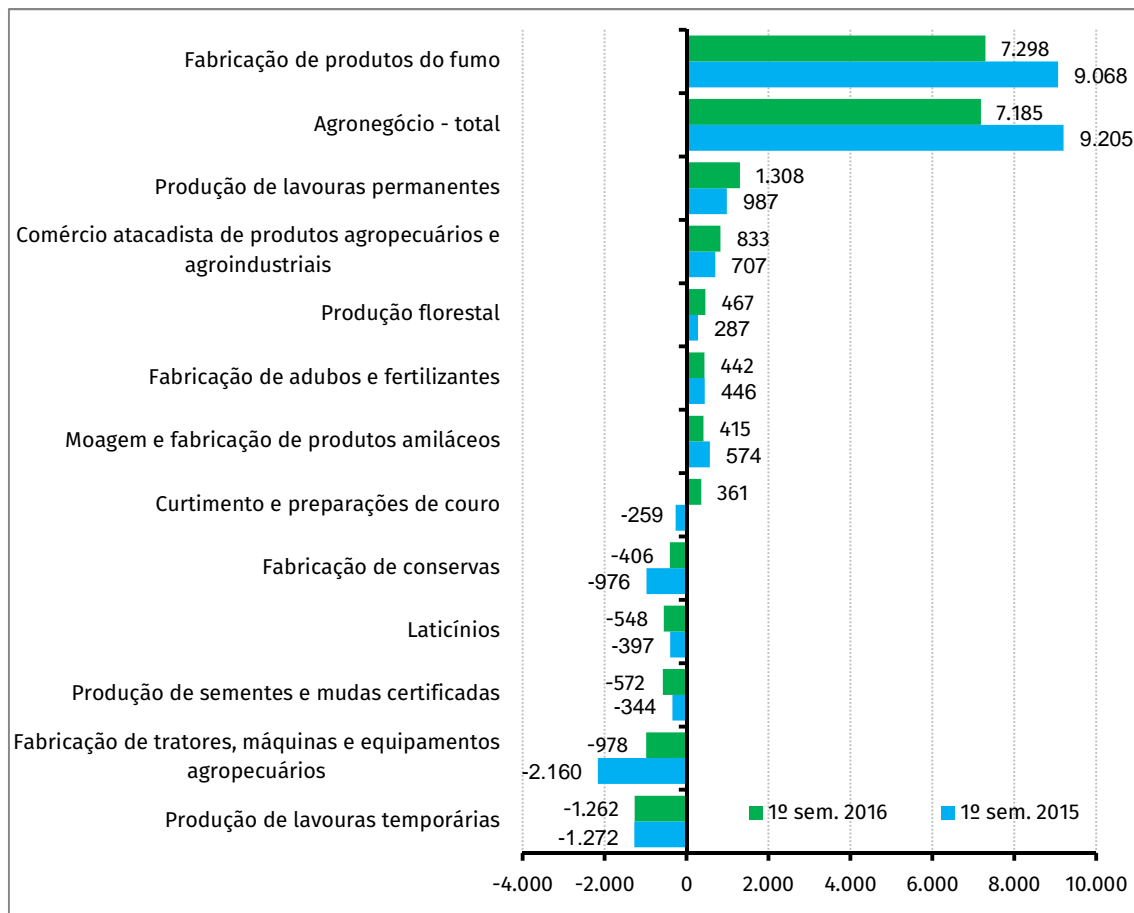
Em 2015, seguindo a trajetória das economias brasileira e gaúcha, houve queda de 1,3% no estoque de empregos com carteira assinada no agronegócio gaúcho (saldo negativo de 4.103 postos). As atividades que apresentaram os piores saldos negativos de emprego foram fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários (-4.793 postos; queda de 17,0% no estoque), produção de lavouras permanentes (-1.077 postos; queda de 12,8% no estoque), fabricação de produtos intermediários de madeira (-814 postos; queda de 8,4% no estoque) e fabricação de conservas (-774 postos; queda de 22,1% no estoque). Os destaques setoriais positivos foram abate e fabricação de produtos de carne (mais 939 postos; alta de 1,6% no estoque), apoio à agropecuária e à produção florestal (mais 807 postos; alta de 8,2% no estoque), pecuária (mais 740 postos; alta de 3,0% no estoque) e fabricação de rações (mais 728 postos, alta de 7,6% no estoque).

Ao final do primeiro semestre de 2016, o estoque de empregos celetistas do agronegócio gaúcho era 1,4% inferior em relação a igual período de 2015 (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b). O pior resultado foi verificado no setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários (-3.611 postos; queda de 13,8% no estoque), seguido da fabricação de produtos do fumo (-1.940 postos; queda de 12,9%). Se considerada apenas a diferença entre admitidos e desligados no agronegócio gaúcho durante o ano de 2016, observa-se que o saldo é positivo em 7.185 postos. Porém espera-se que esse saldo se deteriore nos próximos meses em razão da

redução das admissões no terceiro trimestre e da desmobilização de parte da mão de obra ocupada em setores processadores de matéria-prima agropecuária colhida na safra de verão, principalmente na indústria do fumo.

Figura 10

Setores com maior variação absoluta de empregos no agronegócio do Rio Grande d Sul — 2015 e 2016

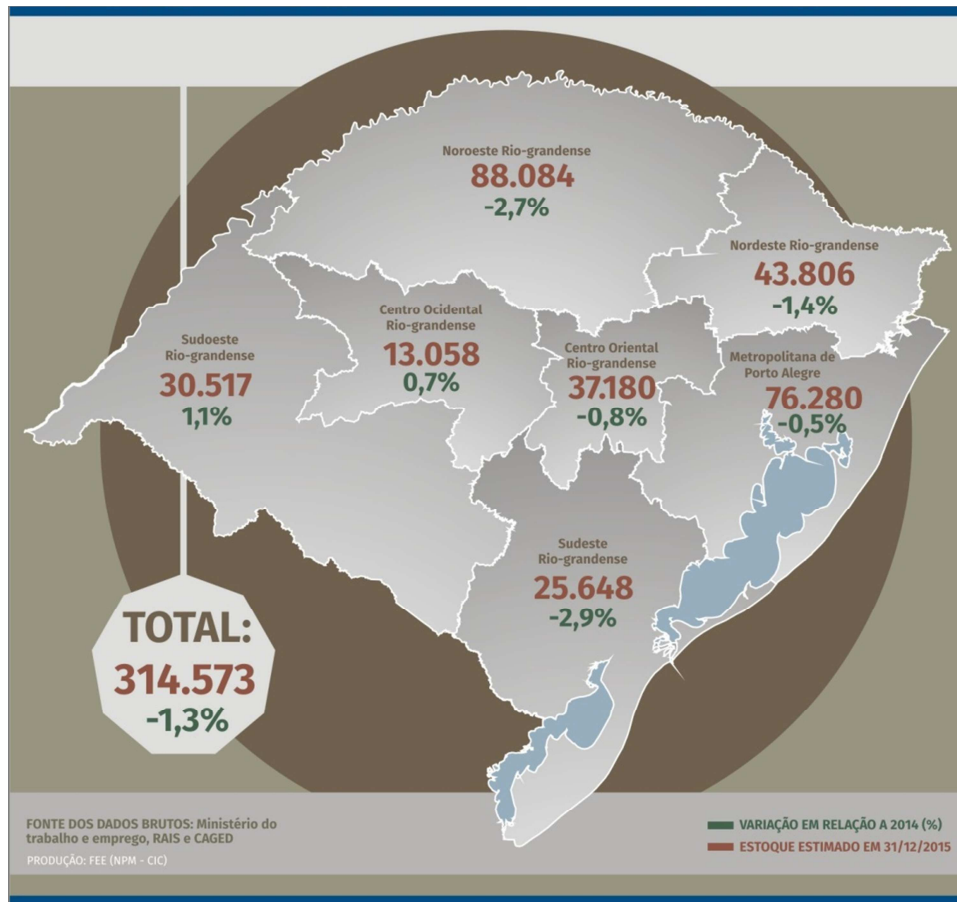


FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).
 NOTA: Saldos dos primeiros semestres de 2015 e de 2016.

Em termos regionais, a distribuição do emprego com carteira assinada no agronegócio gaúcho é desigual e reflete a especialização produtiva e as características fundiárias do território. A mesorregião Noroeste é a que concentra a maior parte dos empregos do setor (28,0%), seguida da Metropolitana de Porto Alegre (24,2%). A Figura 11 disponibiliza informações regionalizadas sobre o estoque de empregos celetistas no agronegócio gaúcho em 31 de dezembro de 2015 e sua variação em relação ao ano anterior.

Figura 11

Distribuição do emprego formal celetista do agronegócio nas mesorregiões do Rio Grande do Sul



FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).

3 Características da agricultura gaúcha

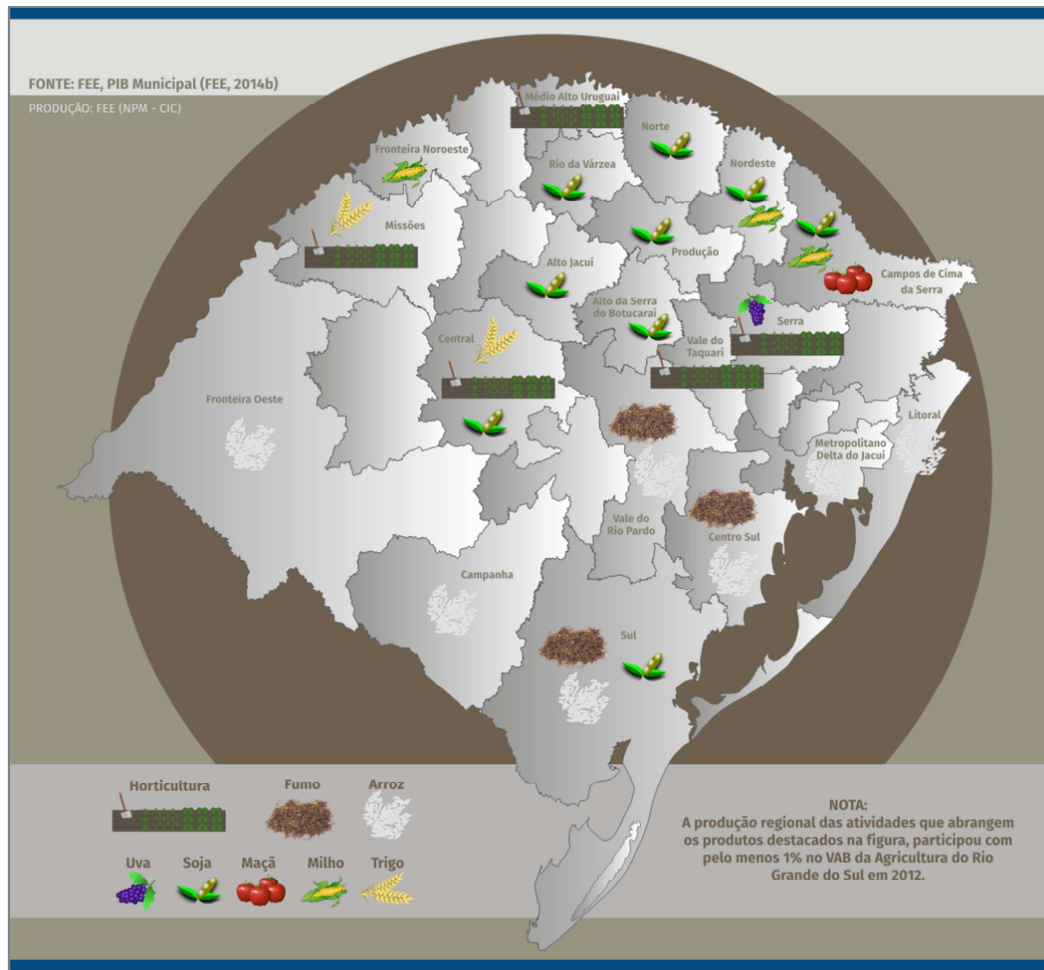
A importância do RS para a oferta nacional de alimentos é historicamente reconhecida. Por muito tempo, o Estado foi qualificado como “Celeiro do Brasil”, em razão da sua expressiva contribuição para a produção agropecuária nacional, destinada ao mercado interno e à exportação. Na década de 40 do século passado, os agricultores gaúchos foram pioneiros na viabilização da produção comercial daquela que se tornaria a principal matéria-prima agrícola exportada pelo Brasil: a soja.

Mais recentemente, em função da rigidez da sua fronteira agrícola e do crescimento da agricultura em outras regiões (principalmente em áreas do Cerrado), o RS passou a dividir o papel de protagonista na produção nacional de alimentos com outros estados. O Estado ainda ocupa posição estratégica para a oferta nacional de diversos produtos agrícolas (arroz, trigo, aveia) e está entre os principais exportadores de fumo, soja e arroz.

A agricultura está presente em todas as regiões do território gaúcho, porém é possível identificar algumas concentrações regionais, determinadas a partir da participação das principais atividades no VAB da agricultura do Estado.

Figura 12

Distribuição regional do Valor Adicionado Bruto da agricultura do Rio Grande do Sul — 2012

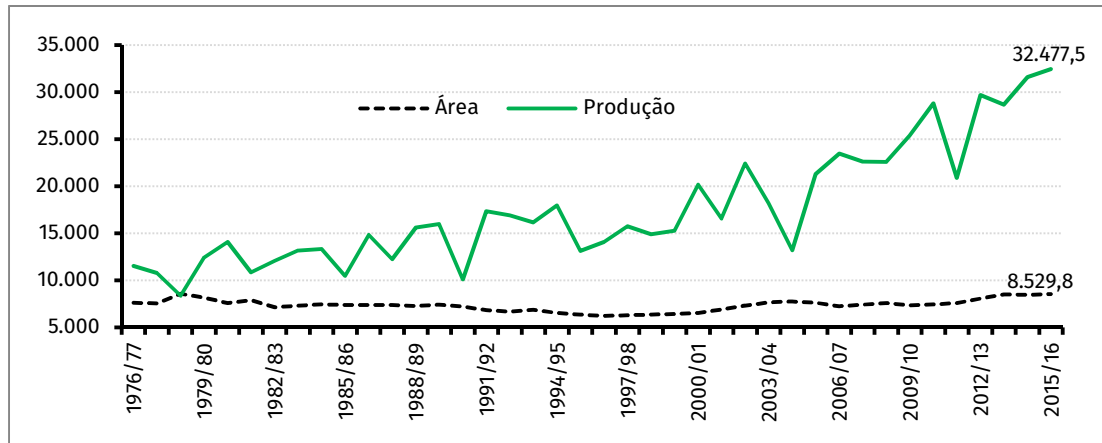


FONTE: FEE, PIB Municipal (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2014).

Atualmente, as agriculturas temporária e permanente ocupam aproximadamente nove milhões de hectares no RS. Cerca de 95% dessa área é voltada à produção de grãos (cereais e oleaginosas), que se configura na principal atividade agrícola do Estado. Segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) (2016), a participação do Estado na produção nacional de grãos passou de 25% no final da década de 70 para 17% na safra 2015/2016. Nesse período, a despeito dessa queda relativa, a produção gaúcha de grãos avançou significativamente, tendo sido multiplicada por aproximadamente três vezes.

Figura 13

Avanço da área plantada e da produção de grãos no Rio Grande do Sul — 1976-2016



FONTE: Levantamentos de safra de grãos (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO, 2016).

NOTA: 1. Área medida em milhares de hectares e produção medida em milhares de toneladas.

2. Os dados da safra 2015/2016 foram estimados em julho de 2016.

A produtividade foi o principal vetor desse crescimento. Os agricultores gaúchos absorveram inovações tecnológicas da indústria de máquinas e de insumos e adotaram novas técnicas de cultivo (manejo de solo, plantio direto, agricultura de precisão etc.). Apenas mais recentemente, com o avanço da agricultura temporária em tradicionais regiões de pecuária, a área destinada à produção de grãos cresceu com maior velocidade.

A soja, o arroz, o milho e o trigo constituem as principais culturas agrícolas praticadas no RS, em termos de área plantada e quantidade produzida. Em se tratando de valor da produção, a esse conjunto de produtos somam-se, em importância, o fumo e a maçã.

Tabela 4

Área plantada, produção física e valor da produção das principais culturas agrícolas do RS — 2015 e 2016

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA PLANTADA (1.000 ha)			PRODUÇÃO (1.000t)			VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ milhões)		
	2015	2016	Δ%	2015	2016	Δ%	2015	2016	Δ%
Soja	5.263,9	5.474,1	4,0	15.700,3	16.189,8	3,1	18.551,5	20.023,9	7,9
Arroz	1.127,9	1.087,0	-3,6	8.679,5	7.504,1	-2,8	7.458,0	6.335,0	-2,8
Milho	863,6	739,6	-14,4	5.633,7	4.723,8	-16,2	2.888,8	2.919,2	1,1
Fumo	200,0	187,1	-6,4	414,9	323,6	-22,0	3.862,2	2.794,6	-27,6
Maçã	16,5	15,7	-4,8	598,5	485,5	-18,9	1.843,2	2.009,8	9,0
Trigo	882,6	768,1	-13,0	1.392,0	2.175,9	56,3	892,2	1.532,2	71,7
Batata-inglesa ...	19,0	18,6	-2,3	399,5	426,2	6,7	738,5	781,2	5,8
Uva	50,7	50,0	-1,3	876,3	415,7	-52,6	1.562,9	682,3	-56,3
Mandioca	79,8	78,2	-2,0	1.150,4	1.105,0	-3,9	355,9	323,6	-9,1
Feijão	67,5	61,3	-9,1	95,7	87,9	-8,2	271,1	286,6	5,7
Laranja	26,5	26,0	-2,0	356,4	368,4	3,4	256,3	229,9	-10,3
Cana-de-açúcar	21,9	20,4	-6,8	834,5	767,2	-8,1	58,9	55,0	-6,5

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

MAPA/Valor Bruto da Produção Agropecuária (BRASIL, 2016).

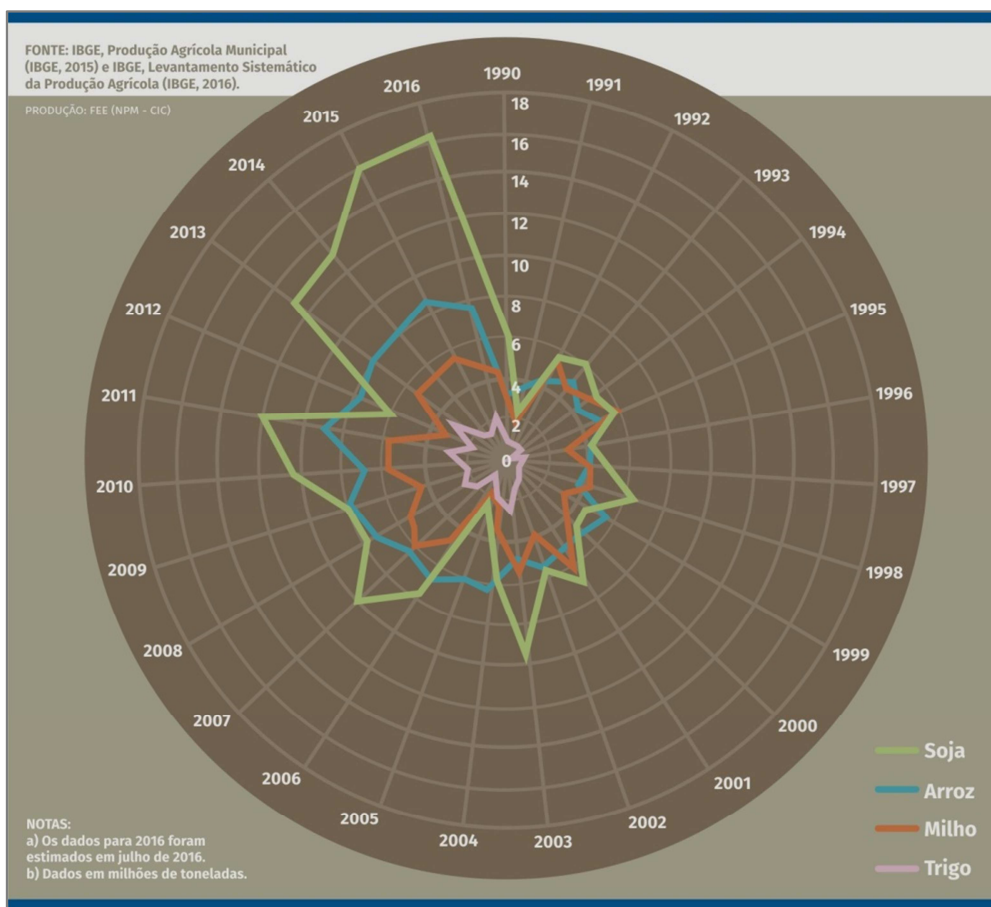
NOTA: Área e produção física estimadas em julho de 2016 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016); valor da produção estimado em junho de 2016 (BRASIL, 2016).

A produção de fumo, tradicional atividade econômica da região do Vale do Rio Pardo, destaca-se dentre as lavouras temporárias não destinadas à produção de grãos, ocupando aproximadamente 200.000 hectares. As lavouras permanentes são cultivadas em cerca de 180.000 hectares, e os principais destaques são a uva e a maçã, concentradas, respectivamente, nas regiões da Serra e Campos de Cima da Serra.

A produção de soja foi a que mais avançou no Estado nos últimos 15 anos, incentivada pelo crescimento da demanda externa e pela alta nos preços recebidos pelos agricultores.

Figura 14

Evolução da produção das principais culturas agrícolas do Rio Grande do Sul — 1990-2016

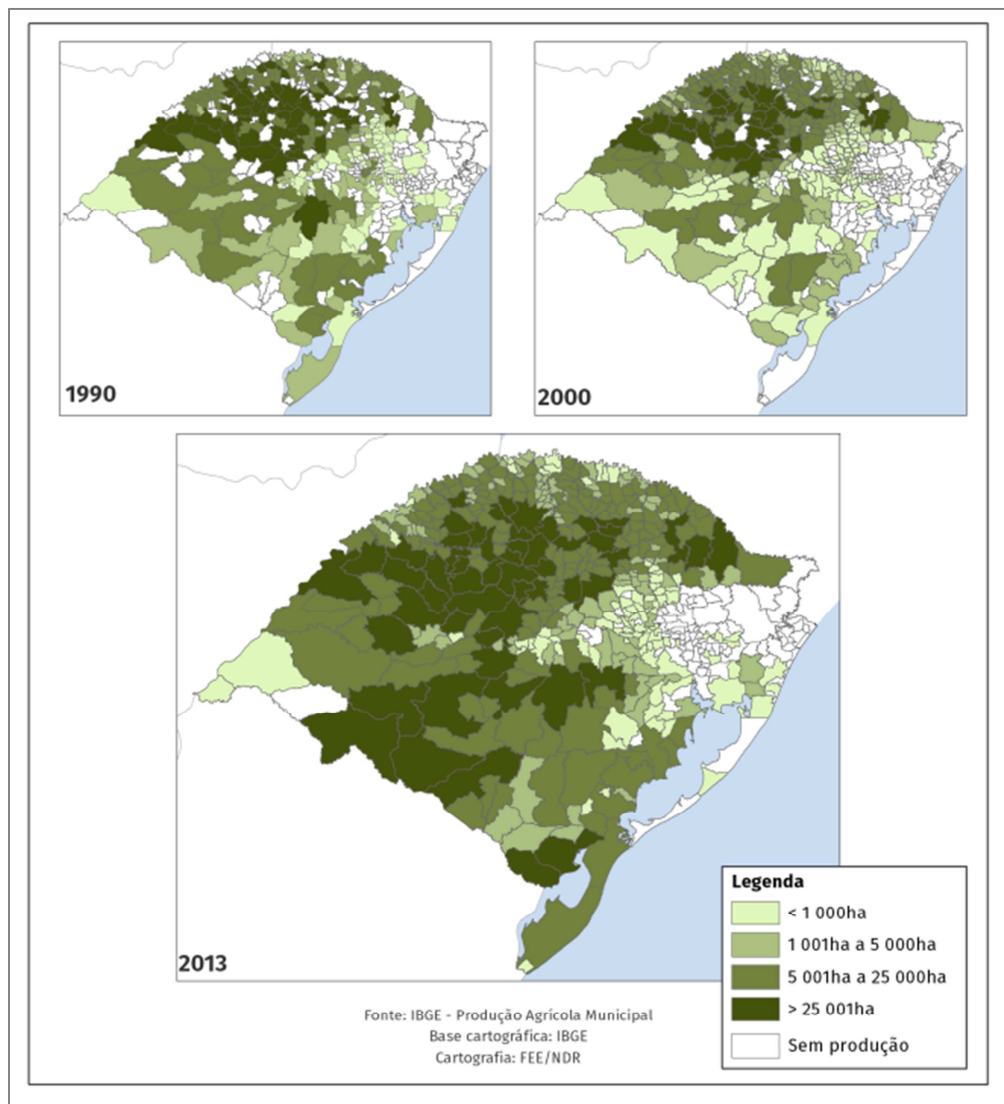


FONTE: Produção Agrícola Municipal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015a).
 Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

No caso da sojicultura, além do crescimento da produtividade houve um espraiamento da atividade. Até a virada do século, a mesorregião Noroeste respondia por mais de 80% da área plantada de soja no RS. Estima-se que essa participação seja de aproximadamente 56% na safra 2015/2016 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016). Os avanços mais expressivos da cultura ocorreram em direção ao sudoeste e ao sudeste do Estado, em substituição de áreas de pastagem e de outras lavouras temporárias.

Figura 15

Área plantada de soja nos municípios do Rio Grande do Sul – 1990, 2000 e 2013



FONTE: Produção Agrícola Municipal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015a).

Sobretudo na região Noroeste, uma das consequências diretas da expansão da soja foi a redução da área plantada de milho. Entre 2010 e 2016, o acréscimo de área para o cultivo da oleaginosa na região foi de mais 300.000 hectares, enquanto a área de milho foi reduzida em mais de 260.000 hectares. No Estado, nesse mesmo período, a área plantada de soja cresceu 36,1%, enquanto a de milho recuou 34,9%.

O recente avanço da soja em áreas do bioma Pampa tem sido atribuído às vantagens econômicas dessa atividade em relação a outras lavouras temporárias e à pecuária extensiva. Nos principais municípios das mesorregiões Sudoeste e Sudeste, é perceptível a expansão da oferta de serviços especializados voltados à agricultura temporária, tais como o comércio de insumos e máquinas e equipamentos. Porém ainda é difícil determinar os impactos sociais, econômicos e ambientais decorrentes do crescimento da área de soja. Faz-se necessário, portanto, o acompanhamento técnico-científico dessa mudança, observando-se a integração das três dimensões do desenvolvimento sustentável.

Tabela 5

Evolução da área plantada de soja nas mesorregiões do Rio Grande do Sul — 2010 e 2016

ESTADO E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS	2009/2010	2015/2016	Δ 2010-16 (ha)	Δ% 2010-16
Noroeste Rio-Grandense	2.747.879	3.056.488	308.609	11,2
Nordeste Rio-Grandense	212.210	291.790	79.580	37,5
Centro Ocidental Rio-Grandense	511.890	718.260	206.370	40,3
Centro Oriental Rio-Grandense	139.103	298.351	159.248	114,5
Metropolitana de Porto Alegre	18.756	101.253	82.497	439,8
Sudoeste Rio-Grandense	280.200	614.330	334.130	119,2
Sudeste Rio-Grandense	111.740	391.208	279.468	250,1

FONTE: Produção Agrícola Municipal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015).

Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016)

Exportações agrícolas e de produtos derivados

Em 2015, as exportações de produtos de origem vegetal foram de US\$ 8,5 bilhões, o que equivaleu a aproximadamente dois terços das exportações do agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

O complexo soja liderou as exportações do agronegócio gaúcho, respondendo por 45% do total em 2015. Há pelo menos uma década, a atividade tem como principal fonte de dinamismo a demanda chinesa por proteína vegetal para a produção de carnes. Em 2000, a quantidade exportada pelo complexo soja do RS equivalia a 58% da safra, e o principal destino era a União Europeia (42% do total). Em 2015, a situação havia-se alterado significativamente: o Estado exportou o equivalente a 87% da sua produção de soja, e a China respondia por quase 70% do total das compras de grão, farelo e óleo. Existe uma diferença no perfil dos compradores no tocante aos produtos do complexo. Enquanto, para a China, 98% das exportações do complexo soja se referem ao grão, para a União Europeia e Coreia do Sul, o produto dominante na pauta deste complexo é o farelo. A Índia liderou as compras de óleo de soja do RS em 2015.

Tabela 6

Principais destinos das exportações do complexo soja do Rio Grande do Sul — 2015

DESTINOS	GRÃO		FARELO		ÓLEO		TOTAL	
	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %	Valor (US\$ milhões)	Participação %
China	3.629	88,6	0	-	68	31,9	3.697	69,9
União Europeia	114	2,8	544	55,5	0	-	658	12,4
Coreia do Sul	0	-	293	29,9	0	-	293	5,5
Vietnã	215	5,2	49	5,0	0	-	264	5,0
Irã	74	1,8	5	0,5	26	12,3	105	2,0
Índia	0	-	0	-	93	43,8	93	1,8
Arábia Saudita	0	-	55	5,6	0	-	55	1,0
Outros	63	1,5	34	3,4	25	11,9	122	2,3
TOTAL	4.094	100,0	980	100,0	212	100,0	5.287	100,0

FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

Além do complexo soja, outros produtos vegetais derivados da produção agrícola que detêm relevância na pauta exportadora gaúcha são os dos setores de fumo e seus

derivados (US\$ 1.607,2 milhões em 2015) e de cereais, farinhas e preparações (US\$ 727,7 milhões em 2015). O principal produto fumajeiro exportado pelo RS é o fumo não manufaturado (93% do total do setor em 2015). Já para o setor de cereais, farinhas e preparações, os principais produtos são o arroz (47%) e o trigo (43%).

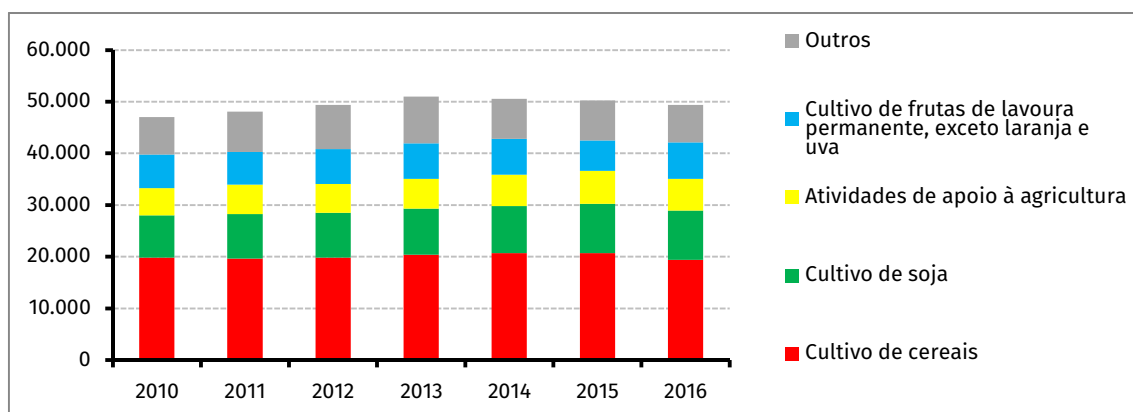
No primeiro semestre de 2016, em relação a igual período de 2015, houve queda de 3,2% no valor das exportações gaúchas de produtos de origem vegetal. Esse movimento foi determinado pela queda dos preços médios, medidos em dólar (-4,8%), pois houve aumento nos volumes embarcados (1,7%). Entre os principais setores exportadores, o de cereais, farinhas e preparações foi o único que apresentou redução no volume embarcado, ocasionado pela queda nas vendas externas de trigo. O complexo soja lidera as exportações de produtos de origem vegetal, totalizando US\$ 2,4 bilhões no primeiro semestre, valor 5,7% inferior ao do primeiro semestre de 2015 (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

Emprego formal celetista na agricultura e nos setores agroindustriais vinculados

As atividades agrícolas empregavam mais de 50.000 trabalhadores com carteira assinada em dezembro de 2015 (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b). A maior parte desse contingente de trabalhadores concentrava-se na produção de lavouras temporárias (32,7 mil), destacando-se os cultivos de cereais (20,7 mil) e de soja (9,5 mil). O emprego celetista na agricultura teve um crescimento de 6,9% entre 2010 a 2015. Nesse período, as atividades com maior acréscimo no emprego foram as de cultivo da soja (mais 1.361 postos; 16,6%), de apoio a agricultura (mais 1.096 postos; 20,7%) e de cultivo de cereais (mais 852 postos; 4,3%). Em 2015 houve uma queda de 0,5% no estoque de empregos celetistas na agricultura, para o que pesou a perda de mais de mil postos na atividade de cultivo de frutas de lavoura permanente (sobretudo da maçã).

Figura 16

Evolução do estoque de empregos formais celetistas nas principais atividades agrícolas do Rio Grande do Sul – 2010-16



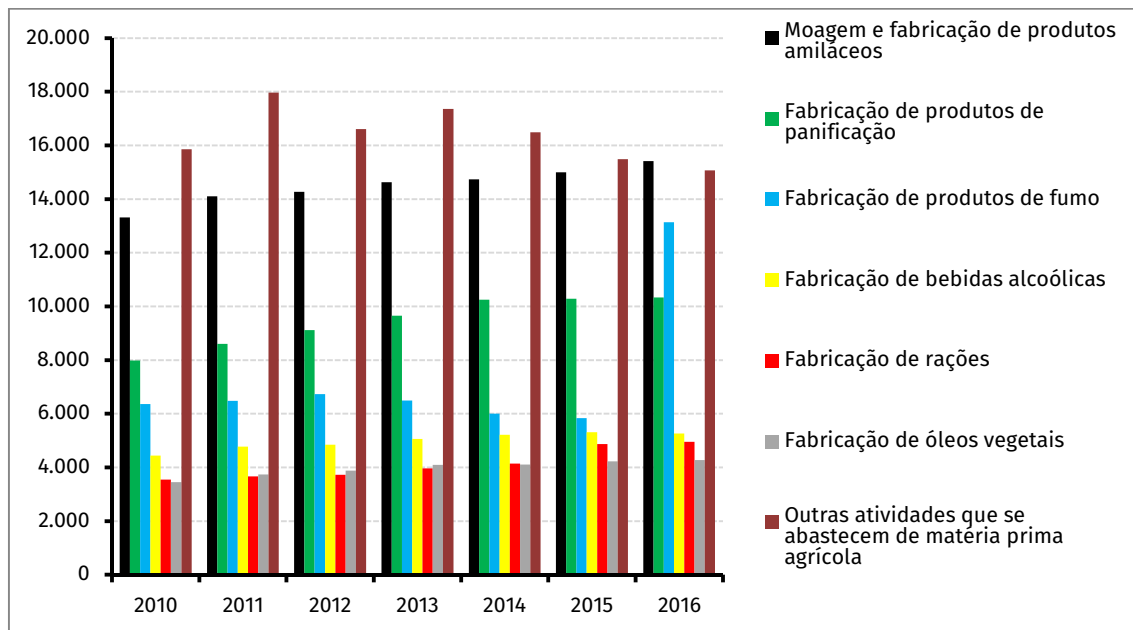
FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).

NOTA: A estimativa de estoque de empregos para o ano de 2016 refere-se ao mês de junho.

Na indústria que se abastece de matéria-prima agrícola, produzida no RS e em outras regiões, destaca-se o emprego dos setores de moagem e fabricação de produtos amiláceos (derivados do arroz, trigo, etc.), fabricação de produtos de panificação, fabricação de produtos do fumo, fabricação de bebidas alcoólicas, fabricação de rações e fabricação de óleos e gorduras vegetais. Nesses setores, somados, havia mais de 45.000 postos de trabalho no RS, em dezembro de 2015.

Figura 17

Evolução do estoque de empregos formais celetistas nas principais atividades industriais processadoras de matéria-prima agrícola do Rio Grande do Sul – 2010-16



FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).
 NOTA: A estimativa de estoque de empregos para o ano de 2016 refere-se ao mês de junho.

4 Características da pecuária gaúcha

A produção pecuária está entre as primeiras e mais tradicionais atividades produtivas do RS. Aproveitando-se das vantagens naturais da bovinocultura de corte, o charque foi introduzido no último quartel do século XVIII e teve rápido desenvolvimento, tornando-se a maior fonte de riqueza da Província durante o Império. Do final do século XIX ao início do século XX, a economia de subsistência do sul do Brasil beneficiou-se da expansão do mercado urbano brasileiro e ampliou suas atividades. A partir desse período, a economia pecuário-charqueadora da Metade Sul do Estado, de antiga colonização ibérica e predominantemente latifundiária, passou a conviver com uma economia cada vez mais dinâmica e empreendedora na Metade Norte (FONSECA, 2009).

Desde então, mudanças significativas ocorreram na atividade pecuária gaúcha. Segundo os dados do último **Censo Agropecuário** (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009), dos 20,3 milhões de hectares de área ocupados pelos 440.000 estabelecimentos agropecuários do RS, aproximadamente 46% são constituídos de pastagens. As pastagens naturais, concentradas no bioma Pampa, ocupam aproximadamente

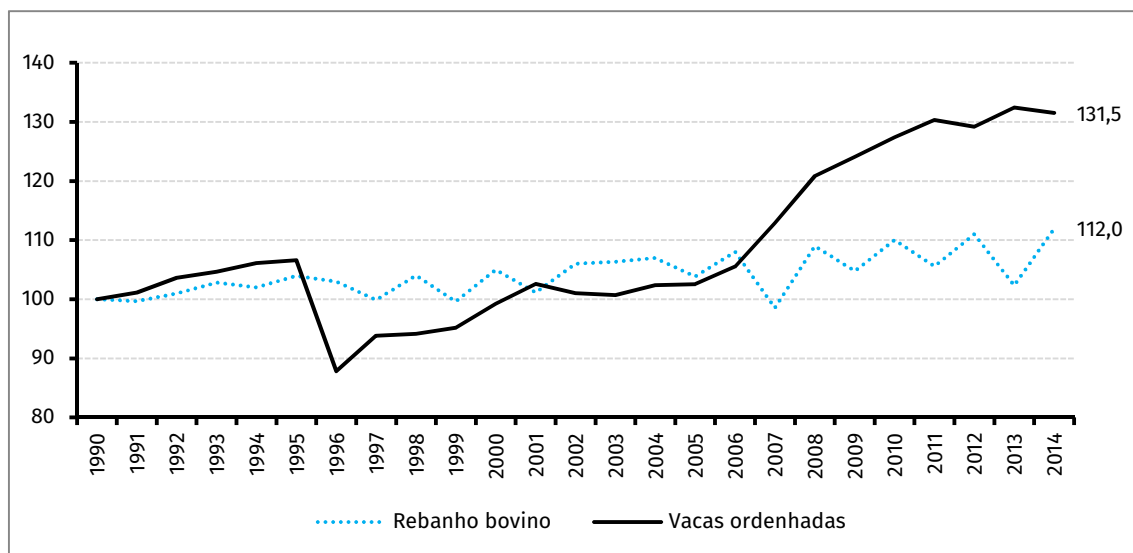
8,3 milhões de hectares (89,4% do total) e representam o principal ativo a partir do qual a bovinocultura de corte gaúcha se desenvolveu. O restante são pastagens plantadas, estando em boas condições (9,5%) ou degradadas (1,0%).

Nas últimas décadas, o RS perdeu espaço na produção nacional de carne bovina para os estados das Regiões Centro-Oeste e Norte. Segundo os dados da Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE para o ano de 2014, o RS é detentor do sexto maior rebanho de bovinos, do segundo maior rebanho de equinos e do maior rebanho de ovinos do território nacional (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015b).

No Estado, desde a década de 90, o rebanho bovino de corte estabilizou-se, e a atividade leiteira cresceu aceleradamente, em razão do aumento do rebanho e, principalmente, de ganhos de produtividade. Porém não se trata de simples substituição produtiva, uma vez que as principais regiões de produção da pecuária de corte e leiteira não são coincidentes.

Figura 18

Evolução do rebanho bovino e do número de vacas ordenhadas no Rio Grande do Sul — 1990-2014



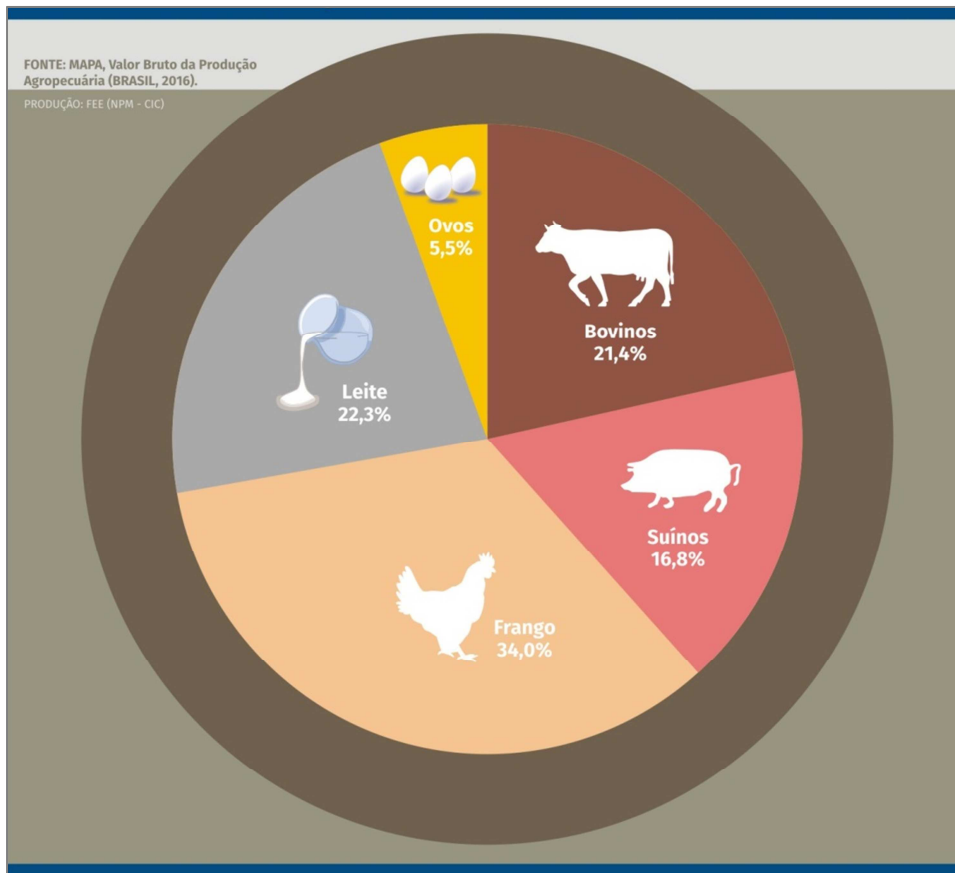
FONTE: Pesquisa Pecuária Municipal (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015b).

NOTA: Os índices têm como base 1990 = 100.

Além da atividade leiteira, a avicultura e a suinocultura também avançaram significativamente. Em 2015, essas três atividades, juntas, respondiam por mais de 70% do VBP da pecuária do RS (BRASIL, 2016). Nesse ano, o VBP da pecuária gaúcha totalizou R\$ 19,1 bilhões. Cerca de um terço desse valor refere-se à produção de frangos. A segunda principal atividade é a produção leiteira (22,3%), seguida pela produção de bovinos (21,4%) e suínos (16,8%).

Figura 19

Composição do Valor Bruto da Produção da pecuária do Rio Grande do Sul — 2015

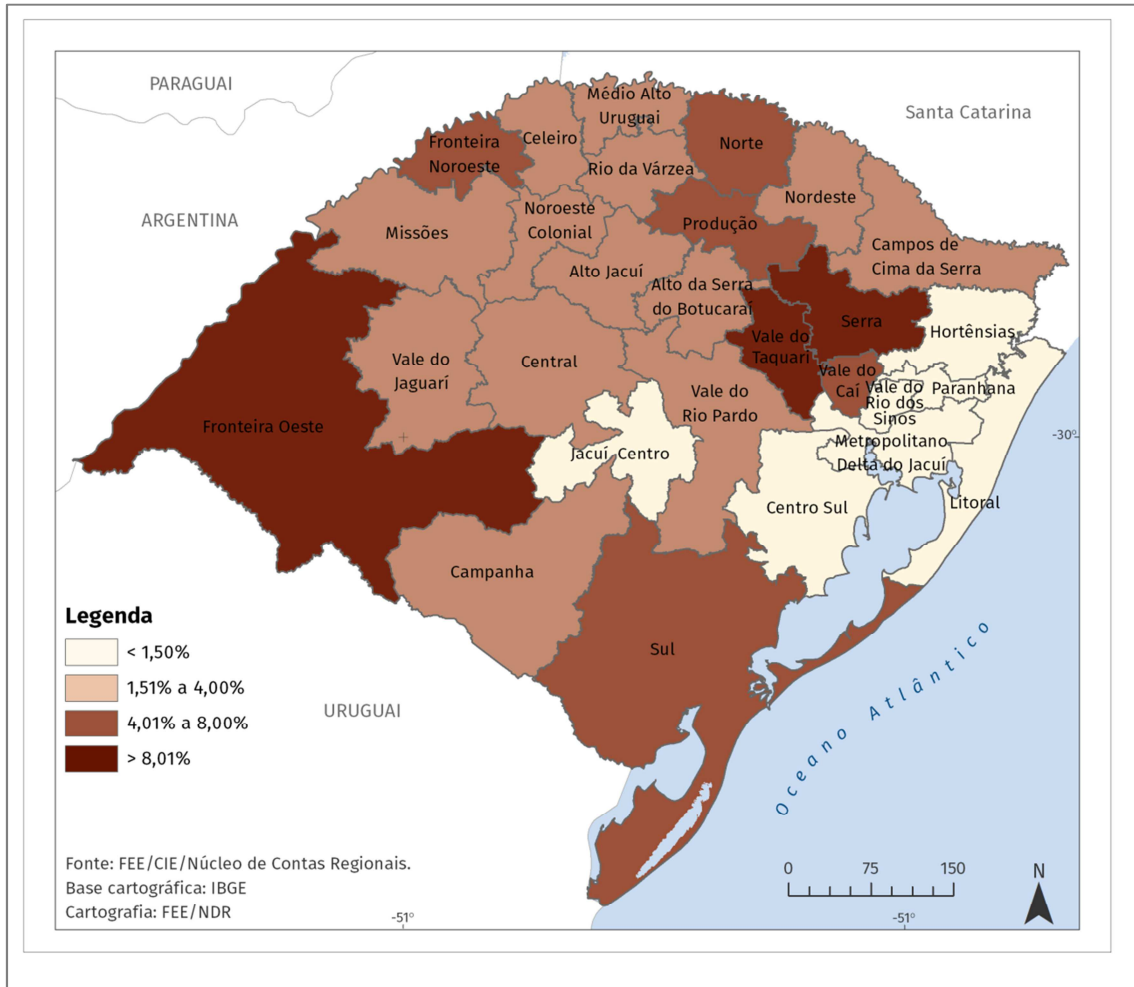


FONTE: MAPA, Valor Bruto da Produção Agropecuária (BRASIL, 2016).

Analogamente ao realizado para a agricultura, em termos geográficos é possível identificar algumas concentrações da produção pecuária no Estado, determinadas a partir da participação das atividades no VAB da pecuária. As regiões do Vale do Taquari, da Serra e da Fronteira Oeste respondem pela maior parcela do produto da pecuária do Estado.

Figura 20

Distribuição do Valor Adicionado Bruto da pecuária nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul – 2012



FONTE: PIB Municipal (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2014).

Na criação de bovinos e outros pequenos animais, as contribuições mais relevantes são as das regiões Fronteira Oeste, Sul e Campanha. Fazendo parte desse grupo de atividade, a produção leiteira encontra-se aglomerada mais ao norte, nas regiões da Produção, Fronteira Noroeste, Vale do Taquari e Celeiro. A produção leiteira nessas regiões apresenta uma série de atrativos, tais como clima temperado, disponibilidade de água, estrutura fundiária dominada por pequenas propriedades, mão de obra familiar, acesso dos produtores a crédito subsidiado — Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Outro fator favorável à atividade no RS, descrito por Paiva, Rocha e Thomas (2014), é a falta de alternativas mais rentáveis para o pequeno produtor rural.

A produção de gado de corte está concentrada na área de abrangência do bioma Pampa, sendo relevante ainda a contribuição da região dos Campos de Cima da Serra. A criação de aves está concentrada nas regiões da Serra e do Vale do Taquari, que, conjuntamente, respondem por cerca da metade do VAB dessa atividade no Estado. Na criação de suínos, os principais destaques são o Vale do Taquari, o Norte, a Serra e a

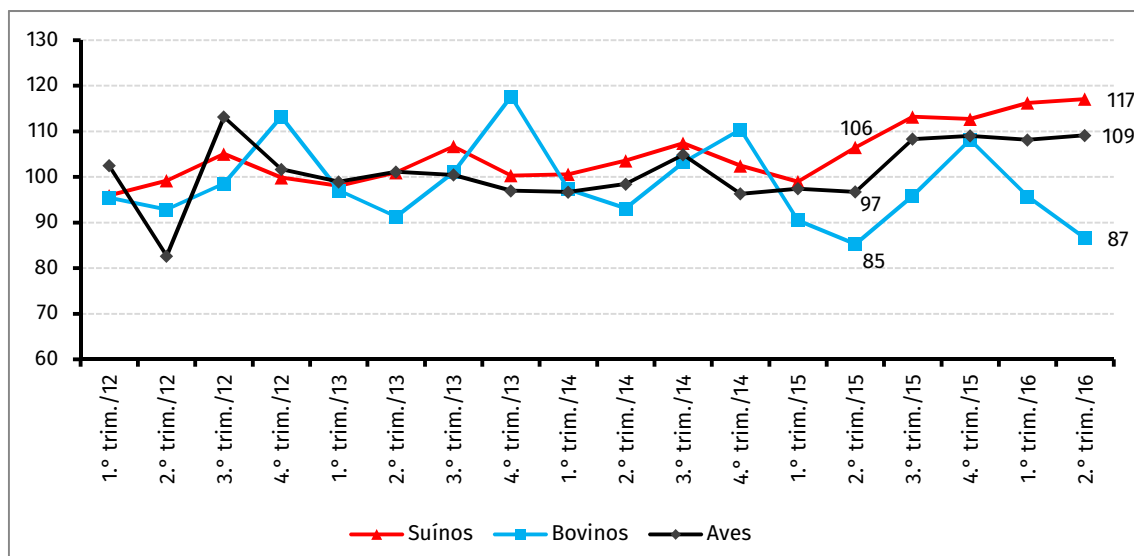
Fronteira Noroeste (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2014).

Dado o conjunto de incentivos econômicos para o avanço da sojicultura, projeta-se que a ampliação da área destinada à agricultura, em detrimento da pecuária, continuará ocorrendo no RS. Isso indica um cenário propício ao crescimento dos sistemas de produção intensivo e semi-intensivo na bovinocultura de corte e ao processo de integração entre lavoura e pecuária.

Em 2016, as atividades de criação de aves e suínos tiveram sua competitividade afetada pela alta nos preços do milho, principal insumo de produção. A escassez do produto no mercado doméstico fez os preços dispararem a partir de janeiro, até a colheita da “safrinha”, em junho. Apesar desse quadro, segundo as estatísticas da Divisão de Controle e Informações Sanitárias da Seapi, houve aumento no número de animais guiados para abate nos primeiros seis meses do ano (RIO GRANDE DO SUL, 2016a). Esse crescimento precisa ser qualificado e lido com cautela, pois não é indicativo de lucratividade. Há evidências de que, em resposta à elevação dos custos dos insumos, uma parcela dos animais, principalmente de suínos, foi abatida precocemente. Além disso, comparativamente ao preço do milho, as relações de troca foram desfavoráveis para os suinocultores e avicultores.

Figura 21

Evolução do número de animais guiados para abate no Rio Grande do Sul – 1.º trim./2012-2.º trim./2016



FONTE: SEAPI, Estatísticas de animais guiados para abate (RIO GRANDE DO SUL, 2016a).

NOTA: Os dados têm como base a média de 2002 = 100.

Exportações da pecuária e de produtos de origem animal

As exportações de produtos de origem animal totalizaram US\$ 2,7 bilhões em 2015, o que equivaleu a 23% do total das vendas externas do agronegócio gaúcho (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

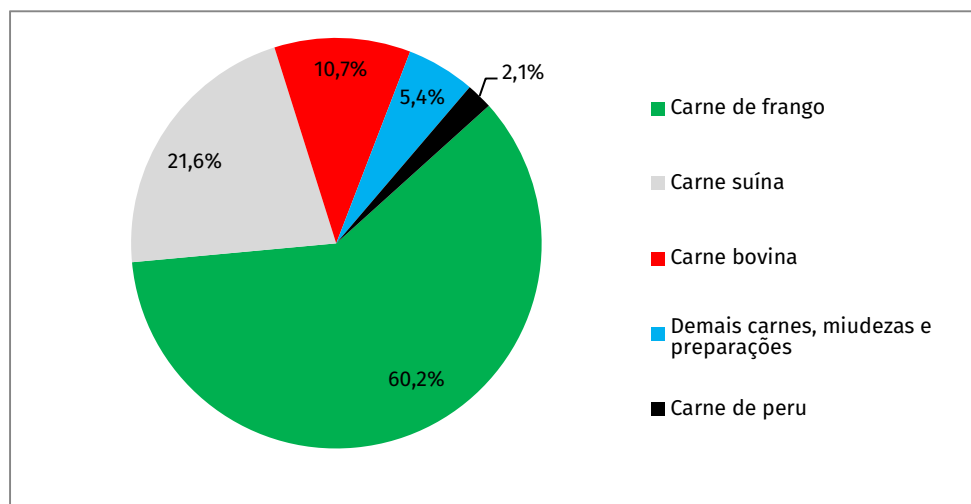
Uma parcela expressiva da produção gaúcha de carnes é destinada ao mercado internacional. Em 2015, a carne de frango produzida em território gaúcho foi vendida para 165 países, mais a União Europeia; a carne de gado para 84 países, mais a União Europeia; a

carne suína para 54 países, mais a União Europeia (BRASIL, 2016c). No mesmo ano, as exportações gaúchas do complexo carnes totalizaram US\$ 2 bilhões, o que representou 17,0% das exportações do agronegócio e 11% das vendas externas do Estado (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a). Esse complexo engloba as carnes bovina, de frango, de porco e de outros animais, na forma industrializada, *in natura* e miúdos.

As exportações de carne de frango são responsáveis por mais de 60% das exportações totais do complexo carne do RS. Apesar de a bovinocultura de corte ser uma atividade tradicional do Estado e de a carne bovina ser a mais popular entre os gaúchos, sua participação nas exportações de carnes representa apenas 10,7% do total. As carnes de frango e de porco são exportadas majoritariamente *in natura*, enquanto as de gado são vendidas industrializadas.

Figura 22

Composição das exportações do complexo carnes do Rio Grande do Sul — 2015



FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

NOTA: Em percentual do valor.

Além das carnes, outros setores de destaque que se abastecem de matéria-prima da pecuária na pauta exportadora gaúcha são os de fabricação de couros e peleteria (US\$ 493 milhões em 2015) e de produtos lácteos (US\$ 89,8 milhões em 2015). Nesses setores, os principais produtos comercializados para fora do Brasil são, respectivamente, couros e peles preparados e leite em pó.

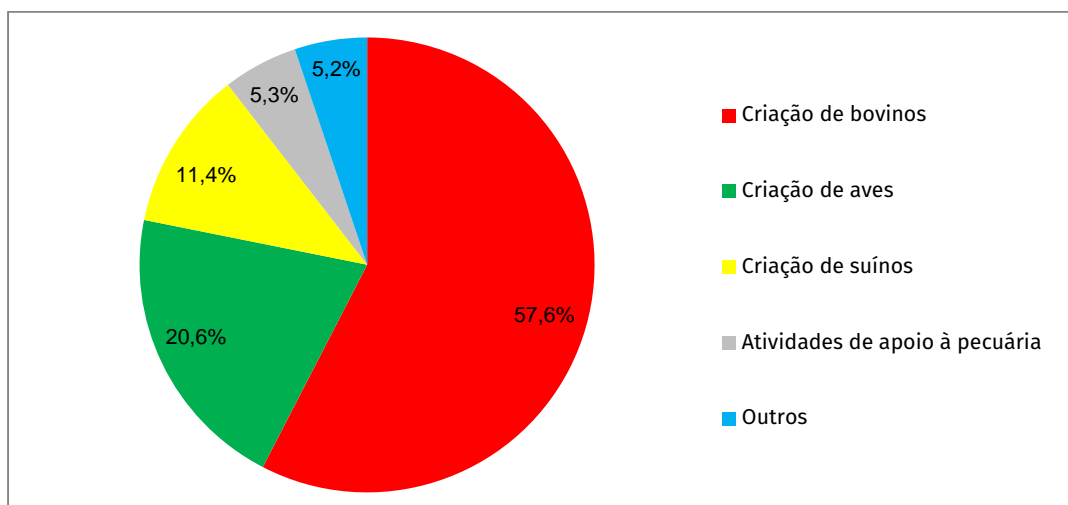
No primeiro semestre de 2016, as exportações de produtos de origem animal totalizaram 1,2 bilhão de dólares, o que representa uma queda de 0,6% em relação a 2015 (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a). A queda nas exportações decorre principalmente do setor de couros e peleteria (-16,6 milhões de dólares), que apresentou crescimento de volume (11,8%), mas queda nos preço médio (-13,6%). Já as exportações de carnes cresceram, tanto em valor quanto em volume.

Emprego formal celetista na pecuária e nos setores agroindustriais vinculados

A pecuária empregou, aproximadamente, 26.000 trabalhadores com carteira assinada em 2015 (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b). Desses, quase 60% pertenciam à criação de bovinos, principal atividade responsável pelo crescimento de 3,2% no estoque de empregos formais na pecuária gaúcha em 2015. A menor representatividade das atividades de criação de suínos (20,6%) e de aves para a composição do estoque de empregos formais da pecuária gaúcha apenas reflete a organização produtiva predominante nessas atividades, desempenhadas por agricultores familiares.

Figura 23

Composição do emprego formal na pecuária do RS em 2015 (em % do estoque)

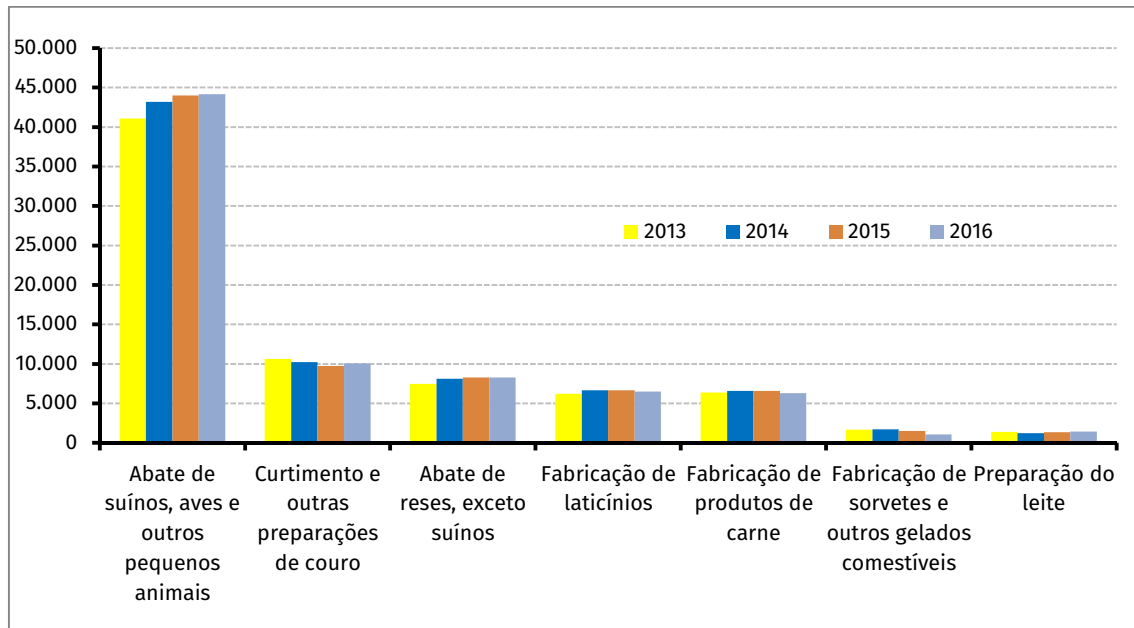


FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).

A agroindústria gaúcha ligada à pecuária empregou cerca de 78.000 trabalhadores celetistas em 2015. O principal setor é o de abate e fabricação de produtos de carne, com 58,8 mil trabalhadores. Esse setor é constituído das atividades de abate de reses (14,1%), abate de suínos, aves e outros pequenos animais (75,2%) e de fabricação de produtos de carne (10,7%). Outros setores de destaque são os de curtimento e preparações de couro (9,7 mil postos) e de laticínios (9,5 mil postos).

Figura 24

Evolução do estoque de empregos formais nas principais atividades da agroindústria de produtos de origem animal no Rio Grande do Sul – 2013-2016



FONTE: Emprego formal celetista do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).
 NOTA: a estimativa de estoque de empregos para o ano de 2016 refere-se ao mês de junho.

No primeiro semestre de 2016, comparado a igual período do ano anterior, o estoque de empregos do setor de abate e fabricação de produtos da carne ficou praticamente estagnado (perda de 62 postos de trabalho). O setor de laticínios também teve um desempenho negativo (menos 184 postos), enquanto, no setor de curtimento e preparações de couro, houve um crescimento de 130 postos de trabalho no estoque (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).

5 Agricultura familiar e cooperativismo agropecuário no Rio Grande do Sul

Agricultura familiar

Em 2006, com a realização do Censo Agropecuário, foi viabilizada, pela primeira vez, a obtenção de um retrato abrangente da agricultura familiar brasileira com base em estatísticas oficiais. O IBGE utilizou-se da definição legal de agricultura familiar, que orienta as políticas públicas federais, para elaborar estatísticas que retratam as características desse tipo de organização produtiva.

De acordo com a Lei Federal n.º 11.326, de julho de 2006, a agricultura familiar é observada nas unidades produtivas que reúnem as seguintes características:

- a área do estabelecimento ou empreendimento rural não excede quatro módulos fiscais;

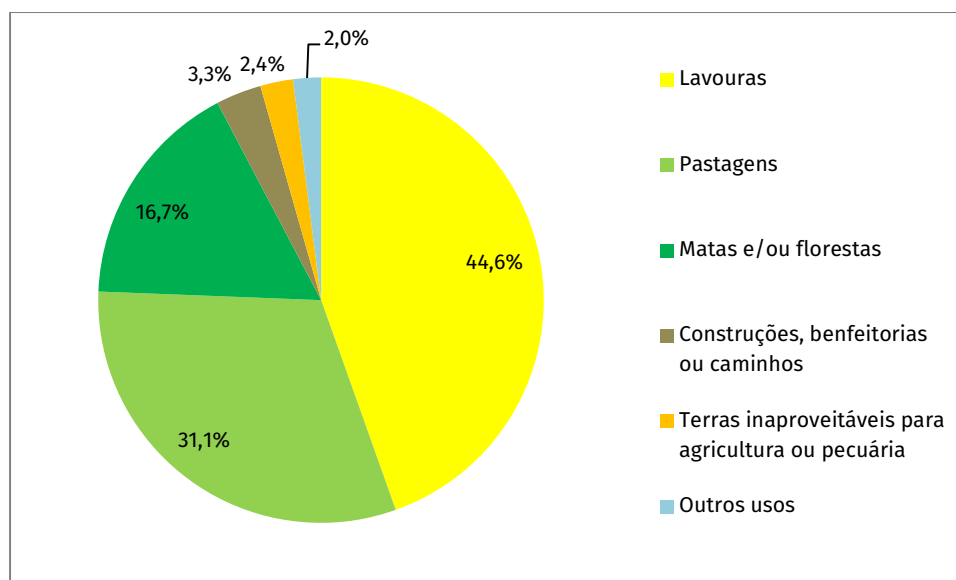
- a mão de obra utilizada nas atividades econômicas desenvolvidas é predominantemente da própria família;
- a renda familiar é predominantemente originada das atividades vinculadas ao próprio estabelecimento; e
- o estabelecimento ou empreendimento é dirigido pela família.

Ressalvando as limitações inerentes à definição adotada, o que foi objeto de debates no âmbito acadêmico, a divulgação dessas informações permitiu avaliar com maior riqueza de detalhes o papel desempenhado pela agricultura familiar na produção alimentar e no processo de desenvolvimento socioeconômico brasileiro. Até o momento, essas são as únicas estatísticas censitárias disponíveis para analisar a agricultura familiar do RS.

A maior parte dos estabelecimentos agropecuários do RS enquadra-se nos critérios definidores da agricultura familiar. Foram identificados 378.546 estabelecimentos familiares em 2006, que abrangiam 6,172 milhões de hectares, distribuídos na seguinte proporção segundo a ocupação do solo.

Figura 25

Utilização das terras nos estabelecimentos da agricultura familiar do Rio Grande do Sul — 2006



FONTE: Censo Agropecuário 2006 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

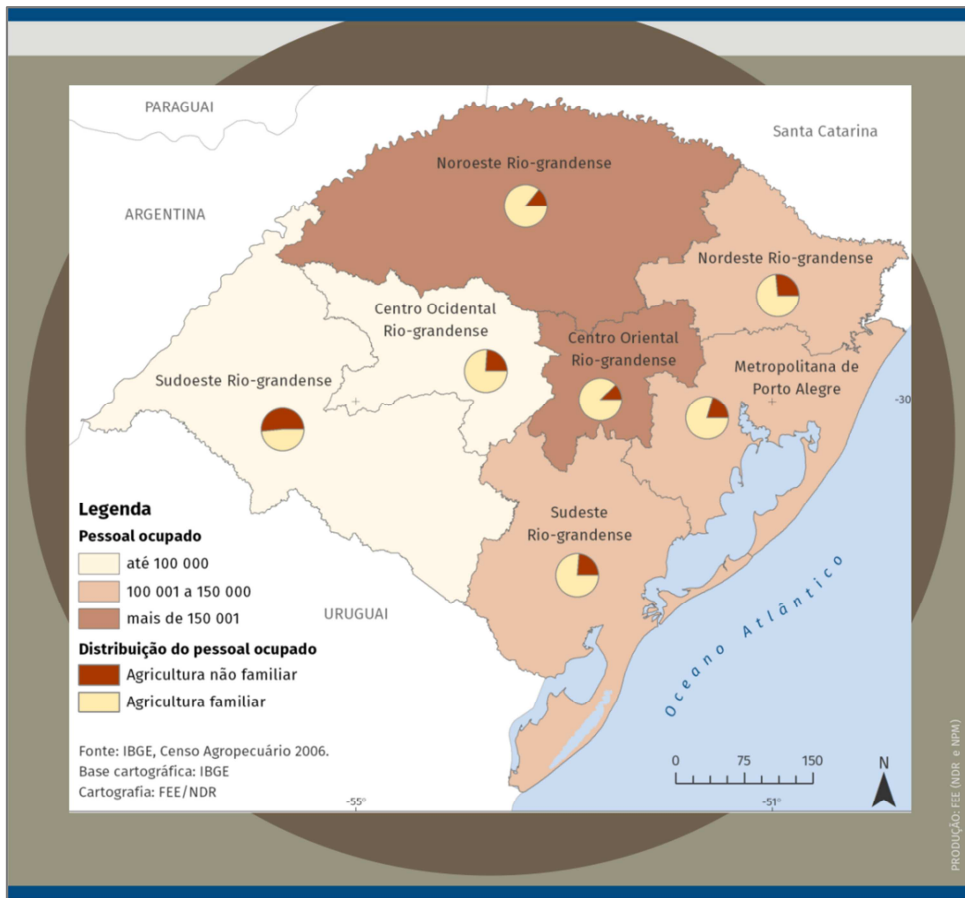
Segundo o **Censo Agropecuário 2006**, no RS, a área média dos estabelecimentos agropecuários familiares era de 16 hectares, e a dos não familiares era de 224 hectares.

O RS é o terceiro estado brasileiro com maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar. Em 2006, eram mais de 991.000 pessoas, o que representava 9,4% da população total estimada e 17,3% do total da população estadual ocupada naquele ano.

Refletindo o processo histórico de ocupação do território gaúcho e a atual estrutura fundiária, os agricultores familiares gaúchos estão concentrados nas mesorregiões Noroeste e Centro-Oriental. As microrregiões com maior número de estabelecimentos familiares são as de Santa Cruz do Sul (7%), Frederico Westphalen (6%), Lajeado-Estrela (5%), Pelotas (5%) e Três Passos (5%).

Figura 26

Distribuição do pessoal ocupado na agropecuária nas mesorregiões do Rio Grande do Sul – 2006

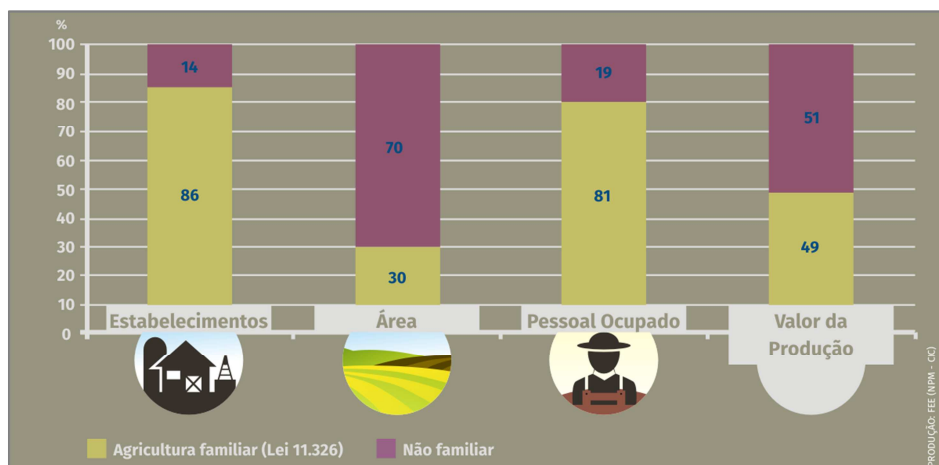


FONTE: Censo Agropecuário 2006 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

A agricultura familiar é característica de 86% dos estabelecimentos e responde por 81% do pessoal ocupado na agropecuária do RS. Porém os estabelecimentos familiares abrangem menos de um terço da área total destinada à agropecuária. Isso evidencia que, no Estado, há uma estrutura agrária concentrada.

Figura 27

Distribuição do número de estabelecimentos, área, pessoal ocupado e valor da produção da agropecuária da agricultura familiar e não familiar no Rio Grande do Sul – 2006

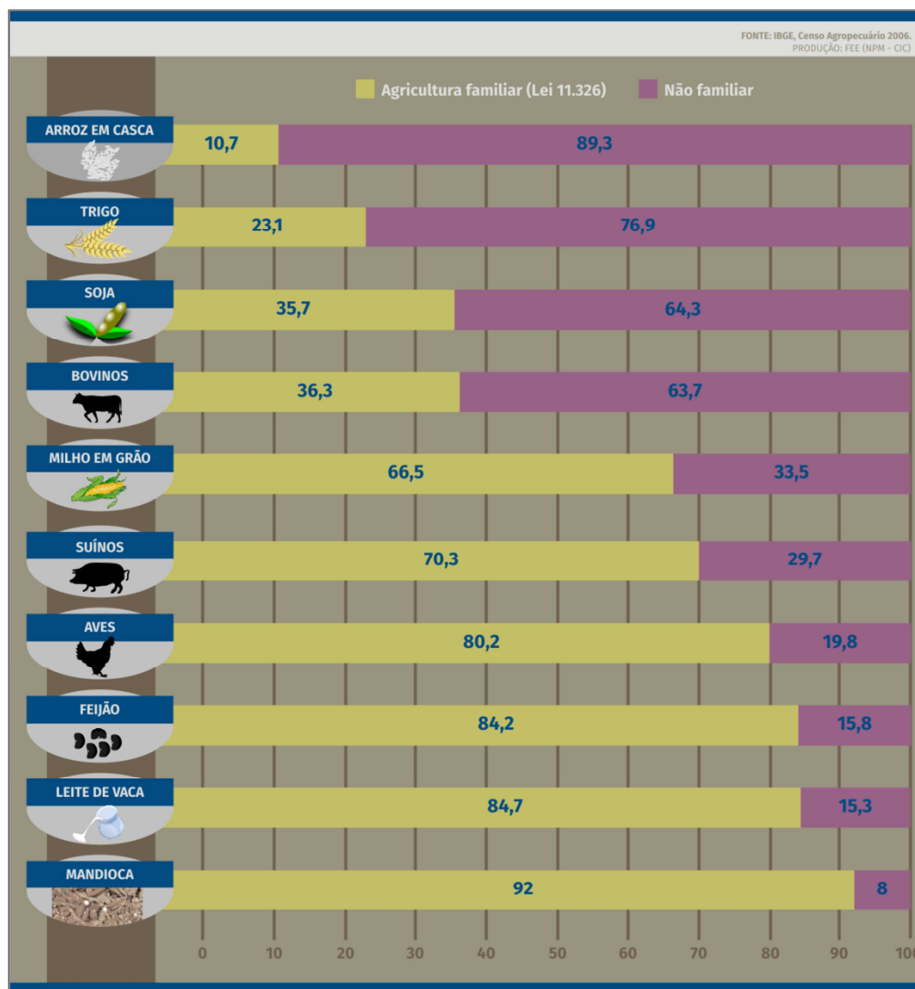


FONTE: Censo Agropecuário 2006 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

Os dados disponibilizados pelo IBGE sobre a produção vegetal da agricultura familiar não abarcam todas as culturas. Não se dispõe de informações desagregadas para algumas das atividades sabidamente dependentes da agricultura familiar no RS, tais como a fumicultura, a fruticultura e a horticultura. Os dados disponíveis atestam que, no Estado, a agricultura familiar é fundamental para a produção de alimentos básicos para a população brasileira, tais como leite, aves, suínos, feijão, milho e mandioca. Mesmo entre as atividades em que tradicionalmente predomina a agricultura empresarial – tais como a bovinocultura, a sojicultura e a triticultura –, a produção dos estabelecimentos familiares é relevante.

Figura 28

Participação percentual da agricultura familiar na produção agropecuária, por produtos selecionados, do Rio Grande do Sul – 2006



FORNTE: Censo Agropecuário 2006 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

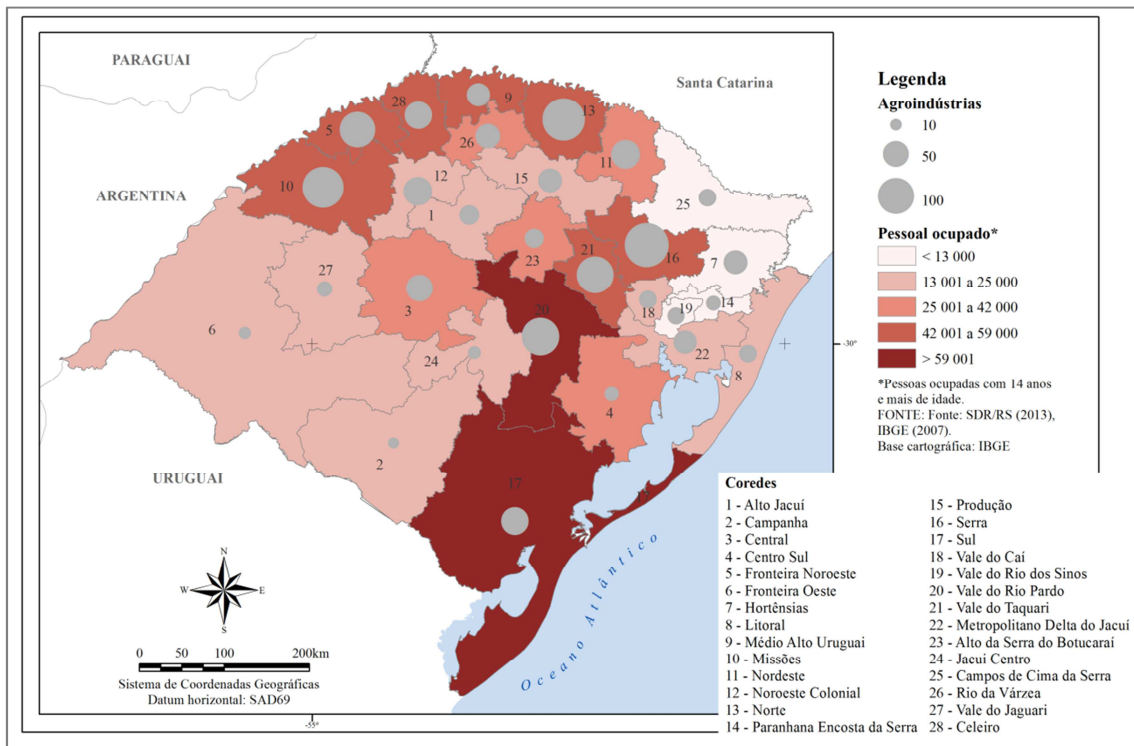
NOTA: Os dados que originaram a participação na produção das culturas agrícolas são medidos em toneladas; a produção de leite é medida em litros; e os dados referentes à criação de suínos, aves e bovinos são medidos em número de cabeças.

Com frequência, os agricultores familiares agregam valor à sua produção em agroindústrias familiares. Segundo a base de dados do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF), coordenado e operacionalizado pela Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo, em 2013 estavam cadastradas 1.439 agroindústrias familiares no RS (RIO GRANDE DO SUL, 2013).

Esse tipo de agroindústria pode ser localizado em qualquer região do Estado, mas está concentrado nas regiões com maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar. Mais de 60% do pessoal ocupado e das agroindústrias familiares do RS estão situados nas regiões dos Coredes Vale do Rio Pardo, Sul, Serra, Vale do Taquari, Fronteira Noroeste, Missões, Norte, Médio Alto Uruguai, Celeiro e Central.

Figura 29

Pessoal ocupado na agricultura familiar e distribuição das agroindústrias familiares do Rio Grande do Sul – 2013



FONTE: Secretaria de Desenvolvimento Rural, Agroindústrias cadastradas no Programa Estadual de Agroindústria Familiar (RIO GRANDE DO SUL, 2013).

Financiamento da agricultura familiar

Para estimular a geração de renda na agropecuária, há diversas políticas voltadas ao atendimento desse público no Brasil. A principal delas, criada em 1995, é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). O Pronaf é dirigido ao financiamento de atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários desenvolvidos em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas. Seus recursos destinam-se tanto ao financiamento dos gastos de custeio e de investimento em máquinas, equipamentos e infraestrutura, até a capitalização de cooperativas de produção agropecuárias formada por potenciais beneficiários. As principais vantagens do Pronaf estão nas taxas de juros e prazos de desembolso diferenciados.

O Pronaf tem contado com um montante crescente de recursos disponibilizados. Em 2015, foram aplicados no programa R\$ 21,8 bilhões. O Programa também se destaca pelo número de beneficiários e pela capilaridade nacional.

De acordo com a matriz de dados do crédito rural, disponibilizada pelo Banco Central do Brasil, o RS é o estado brasileiro com a maior participação no volume de crédito

do Pronaf. Em 2015, os agricultores familiares gaúchos obtiveram R\$ 5,2 bilhões (24,1% do total). Aproximadamente, três quartos desse valor são absorvidos pelas atividades agrícolas, e o restante é destinado à pecuária. O número de contratos firmados no último ano foi superior a 237.000, tendo como principal finalidade o custeio das atividades (83,7%). Os recursos captados com esse fim financiam as despesas variáveis inerentes à produção agrícola e à criação animal. O restante dos contratos tem como finalidade o investimento, o que contempla a implantação, a ampliação ou a modernização das estruturas de produção, beneficiamento, industrialização e de serviços.

Atualmente, o Pronaf é dividido em 14 linhas de crédito (subprogramas). Em 2015, os subprogramas mais buscados pelos agricultores gaúchos foram os de custeio (R\$ 2,4 bilhões); mais alimentos (R\$ 624,2 milhões); agroindústria-custeio (R\$ 265,3 milhões) e agroindústria-investimento (R\$ 98,3 milhões).

Tabela 7

Quantidade e valor dos contratos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul – 2015

SUBPROGRAMAS	FINALIDADE CUSTEIO		FINALIDADE INVESTIMENTO		TOTAL	
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor
Custeio	147.735	2.432.620.058	2	67.385	147.737	2.432.687.443
Sem subprograma	50.510	975.109.461	19.543	846.328.712	70.053	1.821.438.173
Mais Alimentos	0	0	18.155	624.199.646	18.155	624.199.646
Agroindústria (Custeio)	104	265.270.534	0	0	104	265.270.534
Agroindústria (Investi- mento)	0	0	98	98.257.536	98	98.257.536
Reforma Agrária	38	221.459	722	6.225.938	760	6.447.397
Eco (Energia renovável e sustentável ambiental)	0	0	96	2.064.426	96	2.064.426
Mulher	0	0	46	1.670.958	46	1.670.958
Agroecologia	0	0	21	1.472.261	21	1.472.261
Floresta	0	0	11	100.526	11	100.526
Microcrédito	0	0	13	31.859	13	31.859
TOTAL	198.387	3.673.221.512	38.707	1.580.419.247	237.094	5.253.640.759

FONTE: Matriz de Dados do Crédito Rural (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016).

A participação do RS na distribuição total dos recursos foi maior no subprograma agroindústria-investimento (79,9% dos recursos nacionais). Os financiamentos nessa linha têm como objetivo principal a implantação ou a ampliação de pequenas e médias agroindústrias, isoladas ou em forma de rede. Trata-se de um incentivo financeiro para o beneficiamento, a armazenagem, o processamento e a comercialização da produção agropecuária, de produtos florestais, do extrativismo, de produtos artesanais e da exploração de turismo rural. O RS também se destaca pela participação no Pronaf-Agroecologia (55,8% dos recursos nacionais). A finalidade desse programa é o financiamento dos sistemas de base agroecológica ou orgânicos, incluindo-se os custos relativos à implantação e manutenção do empreendimento. Outros subprogramas com destacado volume de recursos e contratos firmados foram o Pronaf Reforma Agrária, Pronaf Eco e Pronaf Mulher.

Cooperativismo

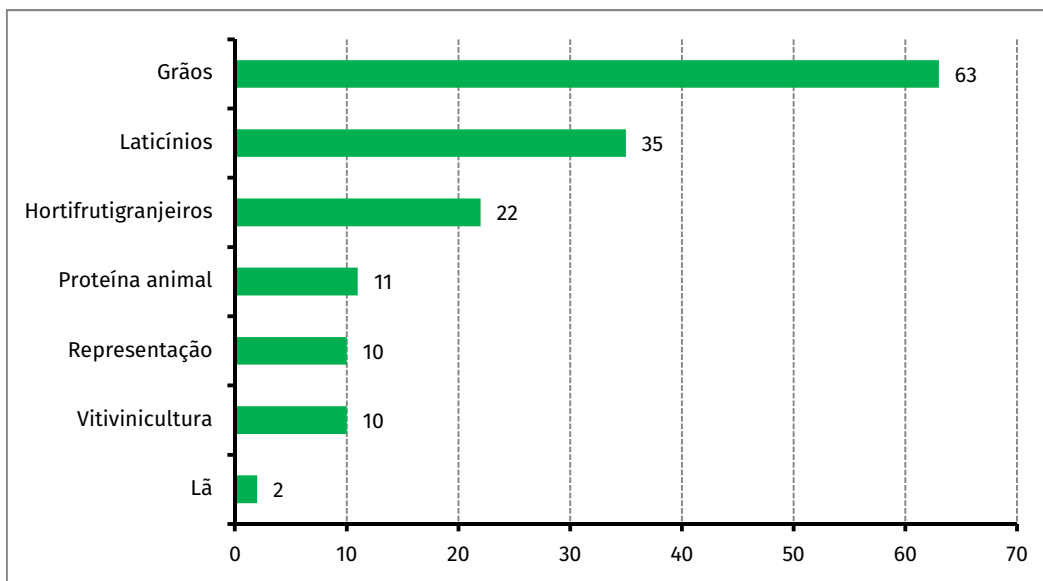
Outro traço característico da atividade agropecuária no RS, principalmente entre os pequenos agricultores, é a cooperação. Uma parcela expressiva dos agricultores gaúchos está organizada em cooperativas. Segundo o Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS), em 2015 havia 132 cooperativas agropecuárias no Estado, que contavam com mais de 327.000 associados e empregavam 33,3 mil pessoas (SISTEMA OCERGS-SESCOOP/RS, 2016).

As cooperativas agropecuárias são compostas por produtores rurais, familiares e não familiares, cujos meios de produção pertencem aos próprios associados, os quais se unem para auferir ganhos na operação em conjunto de suas atividades. Essas cooperativas exercem diversas atividades, que vão desde a aquisição e comercialização de insumos, até a originação, industrialização e comercialização de produtos agroindustriais.

Podem ser especializadas ou diversificadas, atuando em mais de um segmento de negócio. Segundo a Ocergs, as principais cadeias produtivas do agronegócio com atuação de cooperativas no RS são as de grãos (soja, trigo, milho e arroz), laticínios (leite e seus derivados), proteína animal (suínos, aves e bovinos), hortifrutigranjeiros (maçã, cítricos, morango, hortaliças e cebola), vitivinicultura (uva e seus derivados), lanifício (lãs e seus derivados), supermercados e lojas agropecuárias (insumos agrícolas e pecuários).

Figura 30

Número de cooperativas agropecuárias, segundo principais segmentos de atuação, do RS – 2015



FONTE: Expressão do cooperativismo gaúcho 2015 (SISTEMA OCERGS-SESCOOP/RS, 2016).

As cooperativas agropecuárias do RS receberam aproximadamente 45% da soja produzida no estado na última safra, o que compreendeu mais de sete milhões de toneladas do grão. No segmento lácteo, a aquisição de leite pelas cooperativas é de aproximadamente 1,7 bilhão de litros/ano, o que representa 45% do volume produzido (SISTEMA OCERGS-SESCOOP/RS, 2016).

6 Máquinas e implementos agrícolas

O RS é o maior produtor nacional de máquinas e implementos agrícolas e beneficiou-se da ampliação do mercado brasileiro nas últimas décadas. Essa posição de liderança foi gestada ainda nas décadas de 50 e 60 do século XX, quando as primeiras empresas gaúchas foram fundadas, atraídas por um mercado regional em expansão. Naquela época, o RS detinha a liderança na produção nacional de grãos e acentuava-se o processo de mecanização da agricultura. A necessidade de manutenção das máquinas e implementos importados e as políticas voltadas à substituição de importações incentivaram os empresários locais a investir no desenvolvimento de produtos próprios, adaptados a agricultura praticada na Região Sul do Brasil.

Mais recentemente, após as empresas locais terem consolidado suas vantagens competitivas no mercado brasileiro, o setor de máquinas e implementos passou por uma nova configuração. Na década de 90, intensificou-se o movimento de concentração na indústria, liderado por poucas empresas, quase todas internacionais. Parcerias, fusões e aquisições ocorreram principalmente nos segmentos de maior valor agregado (tratores e colheitadeiras), o que contribuiu para o alcance da vanguarda tecnológica dos produtos fabricados no Estado.

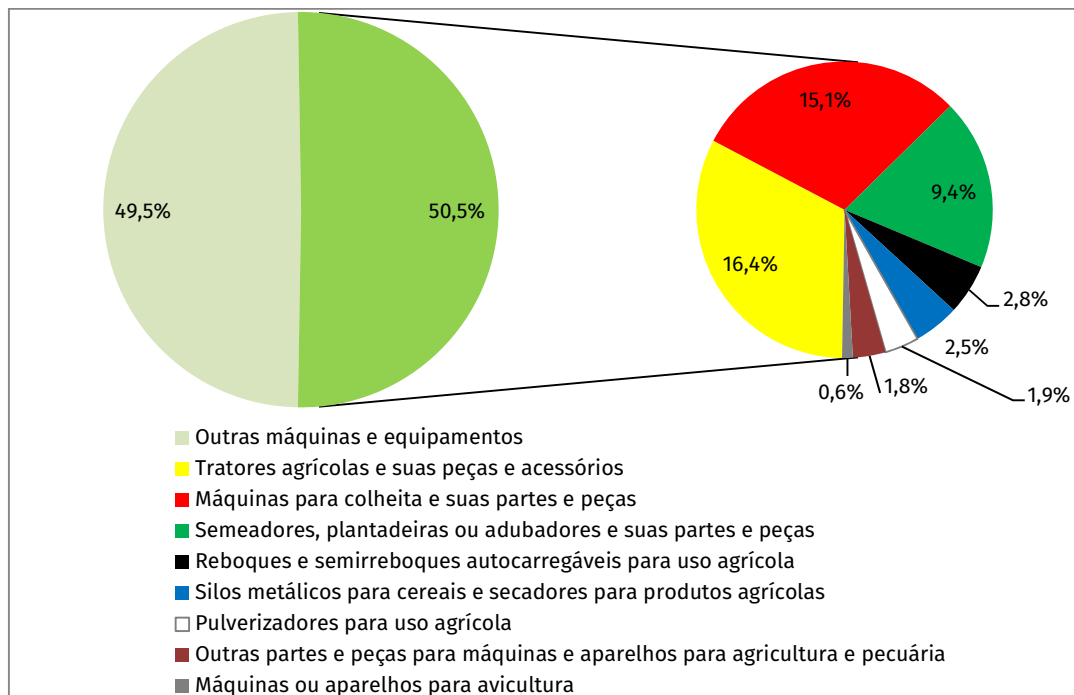
Atualmente, as empresas multinacionais dividem espaço com um amplo conjunto de empresas de capital nacional, de diversos portes, que atuam desde a fabricação de implementos até a produção de tratores e pulverizadores autopropelidos.

Segundo o IBGE, a indústria de máquinas e equipamentos contribui com aproximadamente 12% do valor da transformação da indústria gaúcha. Os produtos dos segmentos de fabricação de bens de capital para a agropecuária participam com mais da metade desse valor. Os principais destaques são os tratores agrícolas, as colheitadeiras e as plantadeiras (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014). No segmento de equipamentos para secagem, armazenagem e estocagem de grãos, a participação gaúcha na produção nacional também é expressiva.

Outra mudança importante em curso, com reflexos na indústria local, é a desconcentração geográfica das compras de máquinas e implementos no Brasil. Ainda que os estados das Regiões Sul e Sudeste continuem respondendo pela maior fatia do mercado nacional, outras regiões ganharam importância. Segundo os dados da Anfavea (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, 2016), 41% das colheitadeiras e 24% dos tratores comercializados no atacado brasileiro em 2015 tiveram como destino as Regiões Centro-Oeste e Nordeste. O avanço mais intenso da produção de grãos nessas regiões contribuiu para a desconcentração das vendas. Portanto, se é difícil compreender o desempenho da economia do RS sem considerar a agropecuária local, se fortalece a percepção de que o avanço da indústria gaúcha de máquinas e equipamentos está cada vez mais atrelado ao desempenho da agricultura nacional.

Figura 31

Peso dos produtos na estrutura geral da indústria de máquinas e equipamentos do Rio Grande do Sul – 2010

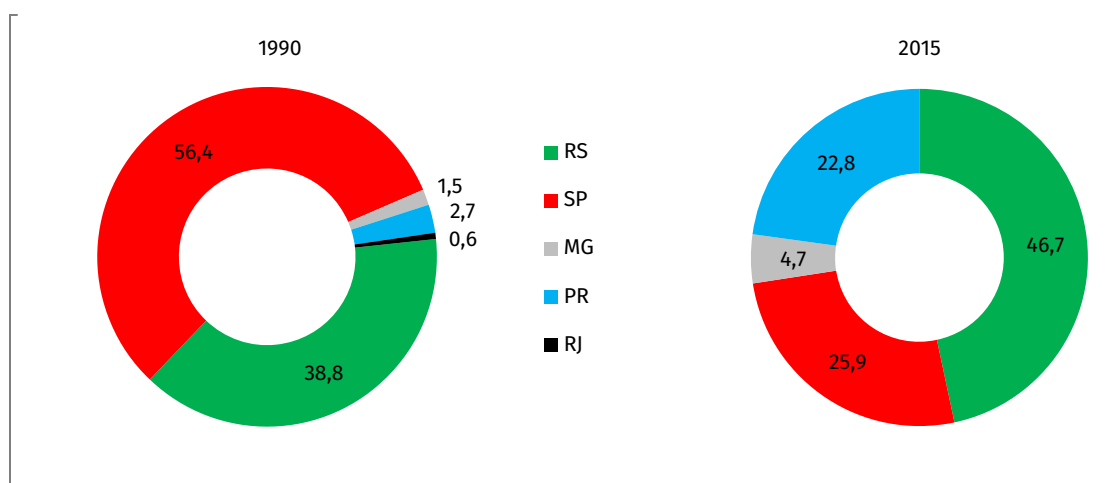


FONTE: Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física - Regional (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).

Até o momento, o aumento da distância em relação ao consumidor final não implicou redução da importância do Estado na produção nacional de máquinas agrícolas. As vantagens econômicas derivadas da concentração dessa indústria no espaço parecem ter contribuído para o seu enraizamento no território. Trata-se de uma indústria que se favoreceu da sinergia entre empresas, fornecedores, consumidores, trabalhadores, instituições de suporte, poder público e população local, o que contribuiu para a elevação da sua *performance* produtiva e inovativa.

Figura 32

Distribuição da produção de máquinas agrícolas e rodoviárias no Brasil – 1990 e 2015



FONTE: Anuário da Indústria Automobilística Brasileira – 2016 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, 2016)

Conforme relatado anteriormente, o valor da produção agrícola brasileira cresceu aceleradamente nos últimos 15 anos, em um cenário marcado pela alta dos preços internacionais dos alimentos, pelo avanço da área plantada e por substanciais ganhos de produtividade. A resultante capitalização do produtor rural, aliada à melhoria das condições de crédito para a compra de máquinas e equipamentos, gerou transbordamentos para a indústria gaúcha. Contrastando com o baixo dinamismo do restante da indústria de transformação, a produção física de máquinas e equipamentos cresceu aceleradamente no RS. Entre 2002 e 2013, o avanço foi de 82,9%, enquanto a indústria gaúcha cresceu apenas 11,5%.

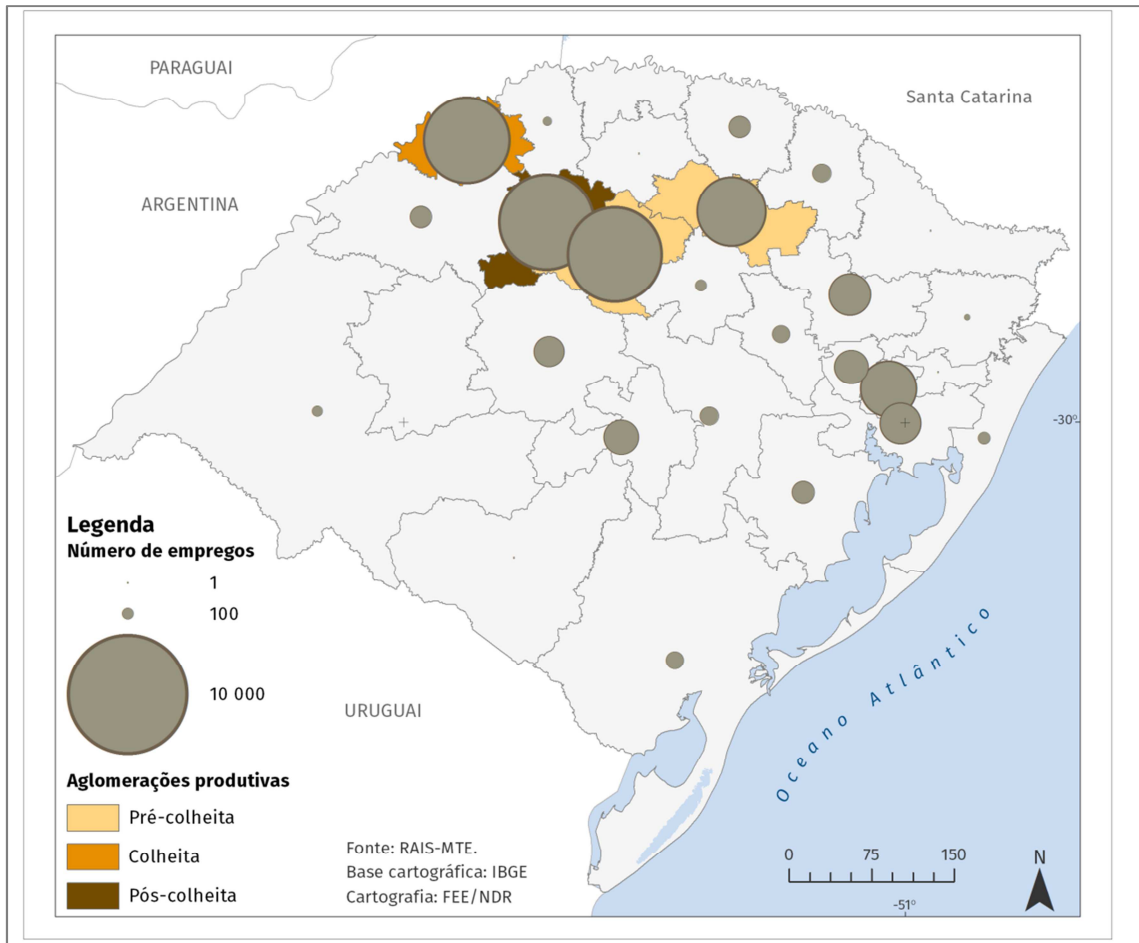
Em termos espaciais, é possível identificar três aglomerações produtivas de máquinas e implementos agrícolas no RS. A primeira, conhecida como aglomeração **Pré-Colheita**, está situada nos Coredes Alto Jacuí e Produção e é especializada na fabricação de produtos para as atividades de nutrição e preparação do solo e plantação e cultivo agrícola (semeadeiras, pulverizadores e implementos). A segunda, nucleada nos Municípios de Horizontina e Santa Rosa (Corede Fronteira Noroeste), é especializada na produção de colheitadeiras (aglomeração **Colheita**). A terceira, especializada na fabricação de equipamentos para recebimento, beneficiamento e armazenagem de grãos, é conhecida como aglomeração **Pós-Colheita** e está localizada no Corede Noroeste Colonial.

Ao longo do tempo, as empresas que optaram por se instalar nessas regiões contribuíram e se beneficiaram do surgimento de um importante aparato de apoio e suporte, composto de prestadores de serviços especializados e de instituições de ensino e pesquisa, o que reforçou as vantagens de localização dessa indústria no noroeste gaúcho. Entre 2006 e 2013, o número de empregos formais nas atividades de fabricação de tratores e máquinas e equipamentos agropecuários do RS passou de 14.630 para 30.426. Desse total de empregos, aproximadamente 70% estão situados nas regiões das aglomerações Pré-Colheita, Colheita e Pós-Colheita (BRASIL, 2015).

A aglomeração produtiva com maior crescimento do emprego nos últimos anos é a Pré-Colheita, que se concentra nos Municípios de Não-Me-Toque, Passo Fundo e Ibirubá. Nessa aglomeração, empresas reconhecidas pela produção de semeadeiras e outros implementos realizaram inovações radicais e tornaram-se protagonistas na disseminação de tecnologias para o plantio direto e para a agricultura de precisão no Brasil. Nos últimos anos, também se observa um movimento de diversificação produtiva em algumas das empresas líderes da aglomeração Pré-Colheita, manifesta na ampliação do *mix* de produtos ofertados e no investimento em segmentos de maior valor agregado.

Figura 33

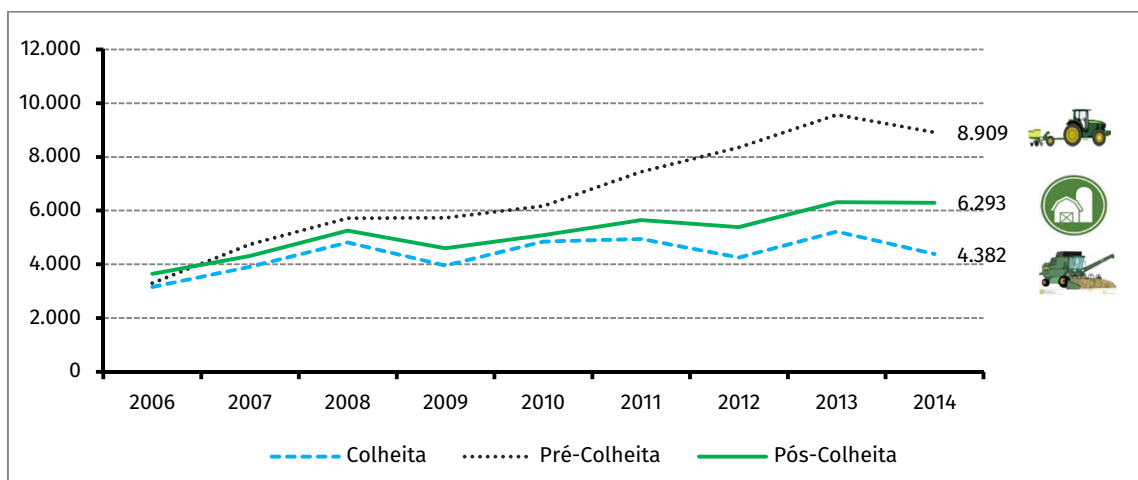
Distribuição do emprego formal das atividades de fabricação de tratores e máquinas e equipamentos para a agropecuária nos Coredes do Rio Grande do Sul – 2013



FONTE: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS-MTE) (BRASIL, 2015).

Figura 34

Evolução do emprego formal das atividades de fabricação de tratores e máquinas e equipamentos para a agropecuária no Rio Grande do Sul – 2006-14



FONTE: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS-MTE) (BRASIL, 2015).

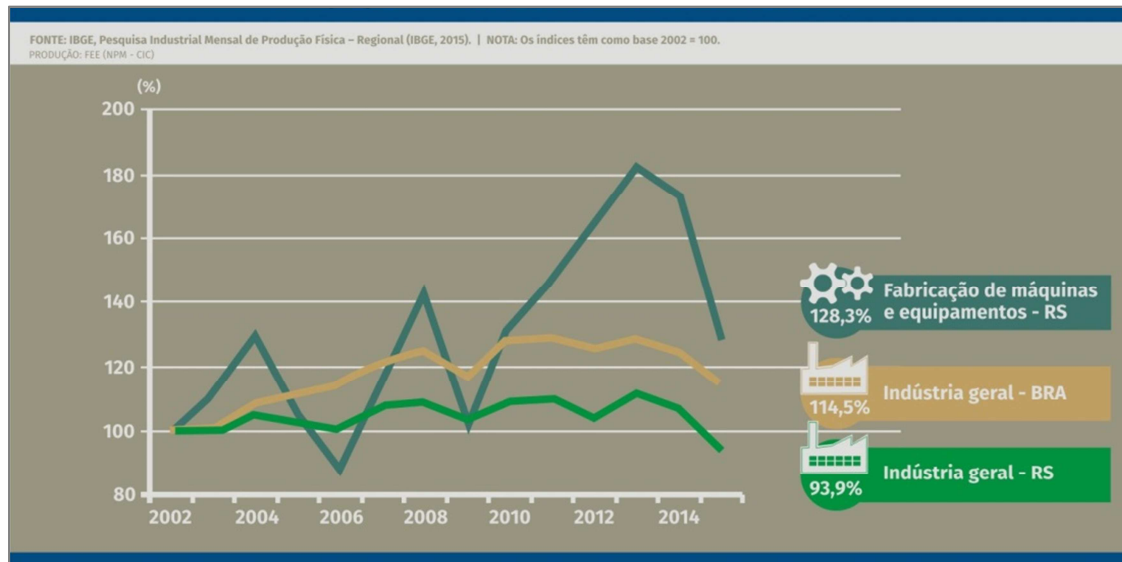
NOTA: De 2009 para 2010, uma das grandes empresas da aglomeração Pós-Colheita, situada em Panambi, alterou a atividade principal informada na RAIS. Para evitar a distorção da série, optou-se por adotar a classificação atualmente seguida pela empresa para todo o período (28.33-0 - Fabricação de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária, exceto para irrigação).

Porém, após ter alcançado o maior nível histórico em 2013, os investimento dos agricultores brasileiros em bens de capital foi gravemente reduzido. Segundo os dados do MAPA (2016) e da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (2016), entre 2013 e 2015 o valor da produção brasileira de grãos (soja, milho, arroz, feijão e trigo) cresceu 4,3% em termos reais, mas as vendas de tratores e colheitadeiras recuaram, respectivamente, 42,6% e 54,1%. A deterioração das condições de crédito, a elevação dos custos de produção e a maior incerteza quanto à receita futura da atividade (oscilações no câmbio e nos preços externos) contribuíram para criar um ambiente menos favorável à expansão da frota agrícola. O endividamento dos produtores, principalmente daqueles que investiram nos anos anteriores, e o conturbado quadro econômico e político no País são outros motivos comumente referidos para explicar a queda nas compras de máquinas e implementos no período recente.

No RS os efeitos da menor disposição ao investimento pelos agricultores brasileiros são percebidos no desempenho da indústria de máquinas e equipamentos. Depois de recuar 4,8% em 2014, a produção física apresentou queda ainda maior em 2015 (-26,3%). Assim, a atividade da indústria de máquinas e equipamentos do RS retrocedeu a um patamar de produção similar ao vivenciado em 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015c).

Figura 35

Evolução da produção física da indústria e da divisão de máquinas e equipamentos do Rio Grande do Sul e do Brasil – 2002-15

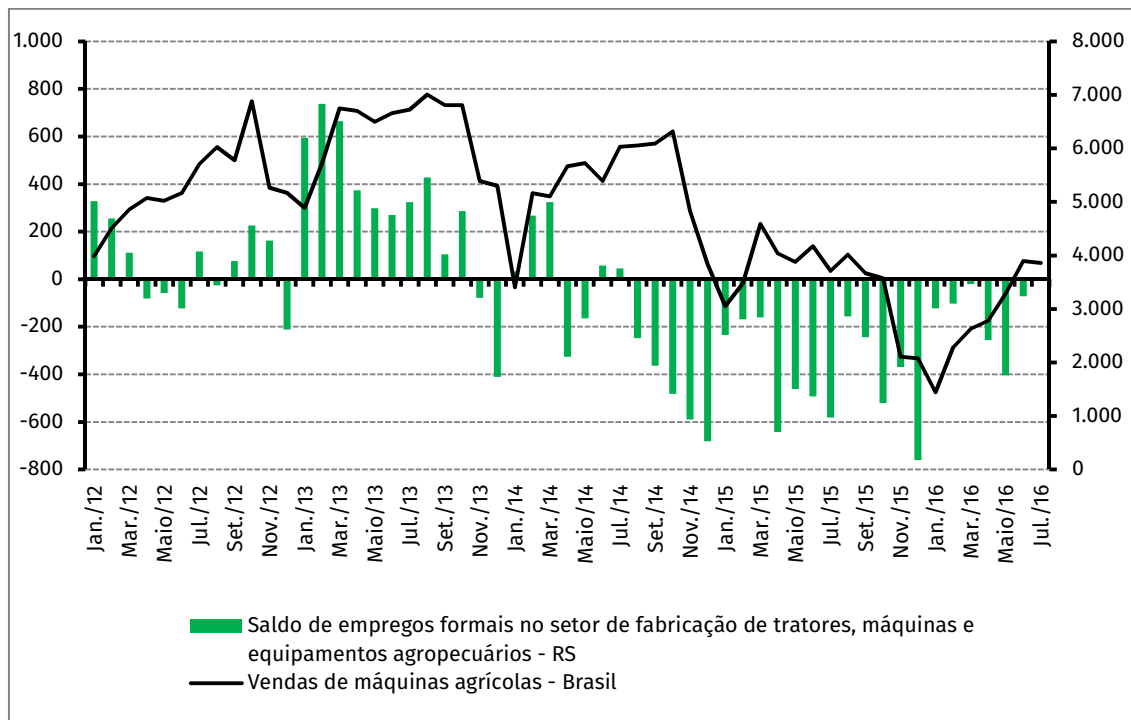


FONTE: Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física - Regional (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015c).
NOTA: Os índices têm como base 2002=100.

Como era esperado, a crise no setor se refletiu no mercado de trabalho. Desde agosto de 2014, o setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários registra saldo negativo de empregos no Estado. No acumulado desses 23 meses, foram perdidos 8.135 empregos com carteira assinada, o que equivale a uma queda de 26,6% no contingente de trabalhadores formalmente empregados nessa indústria do RS (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016b).

Figura 36

Unidades de máquinas agrícolas vendidas no Brasil e saldo de empregos formais celetistas no setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários do Rio Grande do Sul – jan./2012-jul./2016



FONTE: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (2016)

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged-MTE) (BRASIL, 2016b).

NOTA: 1. As vendas de máquinas agrícolas correspondem à soma das unidades de cultivadores motorizados, tratores de rodas e colheitadeiras de grãos comercializadas no território nacional.

2. O saldo de empregos foi ajustado a partir das declarações ao Caged enviadas fora do prazo.

Em 2015, o saldo entre trabalhadores celetistas admitidos e desligados no setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários foi negativo em 4.973 postos. Os piores resultados foram observados nos Municípios de Panambi (aglomeração Pós-Colheita), Santa Rosa (aglomeração Colheita), Passo Fundo e Não-Me-Toque (aglomeração Pré-Colheita). No primeiro semestre de 2016, o saldo de empregos no setor foi de -978 postos, estando as maiores perdas concentradas nos Municípios de Não-Me-Toque (-472 postos), Passo Fundo (-152 postos) e Panambi (-136 postos).

Em se tratando de projeções de curto prazo para essa indústria, há sinais de ligeira melhoria nas condições de mercado. Os produtores agropecuários brasileiros iniciaram o ano com mais disposição a investir. É o que mostra a sondagem de investimentos do primeiro trimestre do ano, realizada conjuntamente pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Em comparação com a versão anterior do levantamento, realizada no terceiro trimestre de 2015, aumentou o percentual de produtores agrícolas que pretende aplicar recursos na ampliação do padrão tecnológico, em máquinas e equipamentos e em infraestrutura. Especificamente sobre a aquisição de máquinas e equipamentos para a agricultura, a proporção dos produtores que afirmaram ter a intenção de investir foi de 21%, um aumento de sete pontos percentuais quando comparado ao 3.º trimestre do ano passado. Entre aqueles que pretendem

umentar os investimentos, 41% dizem que vão direcionar os recursos para a compra de tratores.

Figura 37

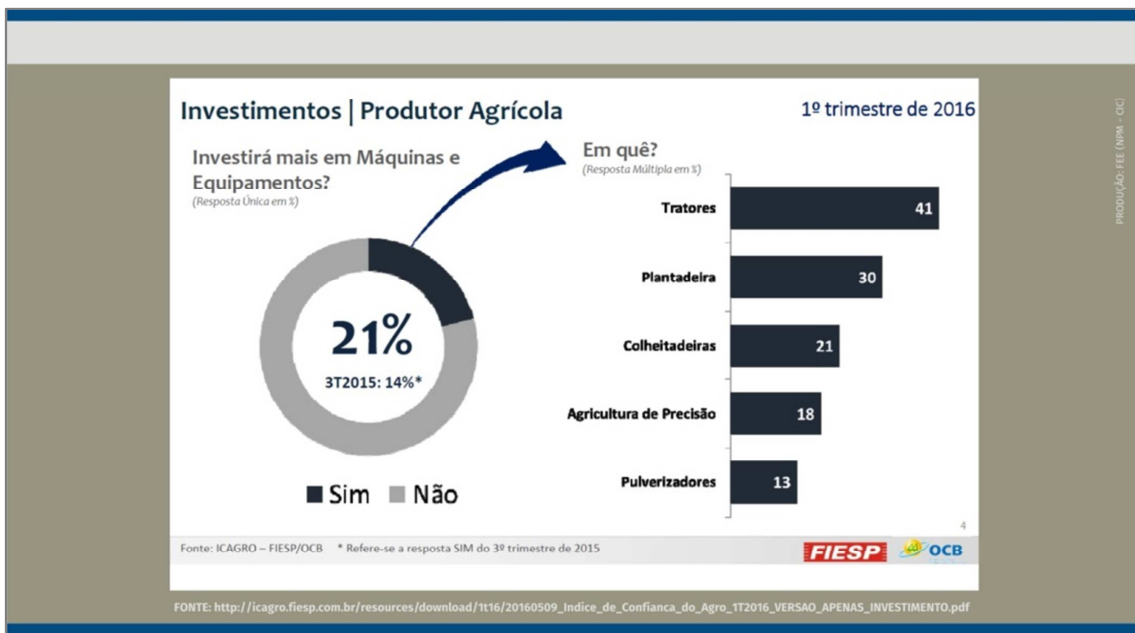
Saldo de trabalhadores admitidos e desligados no setor de fabricação de tratores e máquinas e equipamentos agropecuários do Rio Grande do Sul – 2014-2016



FONTES: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged-MTE) (BRASIL, 2016b).
NOTA: Os dados de 2016 referem-se ao acumulado até o mês de junho.

Figura 38

Intenções de investimentos dos produtores agrícolas brasileiros em máquinas e equipamentos – 1.º trim./2016

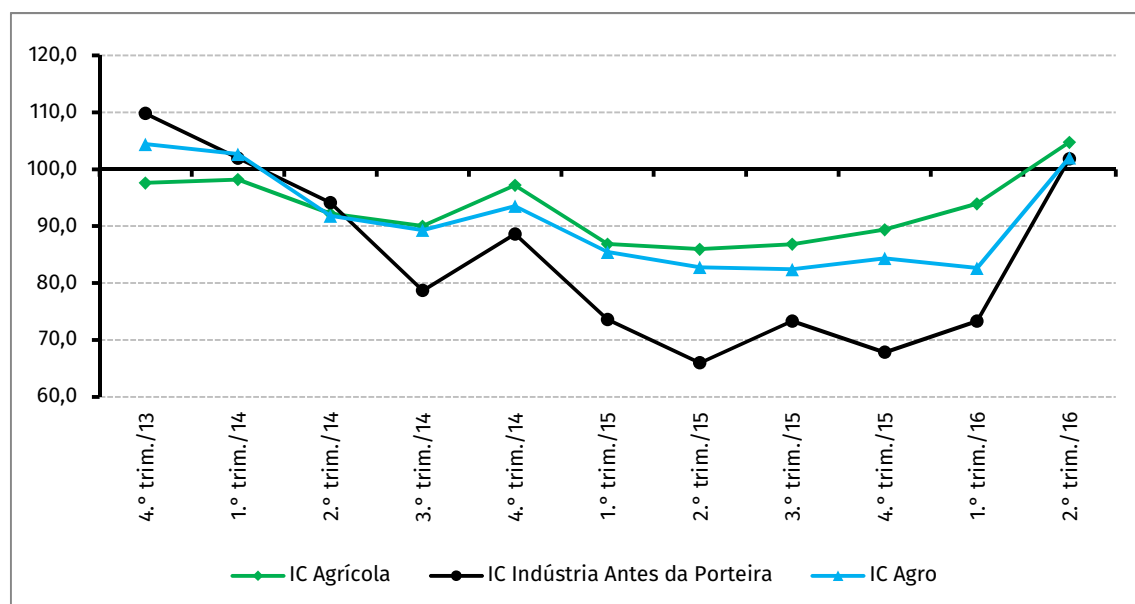


FONTES: FIESP-OCB, Índice de Confiança do Agronegócio (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2016).

O Índice de Confiança do Agronegócio (IC Agro), apurado trimestralmente pela FIESP e pela OCB, também corrobora a melhoria no cenário para a indústria de máquinas e para os agricultores. O IC Agro apura informações para dois períodos de referência: situação atual e expectativas. O índice tem uma escala que vai de 0 a 200 pontos, onde 100 pontos indicam neutralidade. Valores abaixo de 100 pontos apontam insatisfação/pessimismo, e acima de 100 pontos, satisfação/otimismo do setor com a situação dos negócios e com as condições gerais da economia. O índice atual está em 102,1 pontos, no mesmo patamar do 1.º trimestre de 2014, quando o otimismo no agronegócio começou a declinar. A alta em relação ao trimestre anterior foi de 19,4 pontos, a maior da série iniciada no final de 2013. Segundo a publicação, essa melhoria recente deve-se principalmente a uma combinação entre os bons preços das *commodities* agrícolas e a percepção de recuperação da economia brasileira. Uma visão mais positiva a respeito das condições gerais do País impulsionou o avanço nos índices de confiança, tanto dos produtores agropecuários quanto das indústrias dos segmentos “antes” e “depois” da porteira.

Figura 39

Índice de Confiança dos produtores agrícolas (IC Agrícola), Índice de Confiança da Indústria do Segmento “Antes da Porteira” (IC Indústria “antes da porteira”) e Índice de Confiança do Agronegócio (IC Agro) no Brasil— 2013-16



FONTE: FIESP-OCB (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2016).

NOTA: O IC Agro é composto por sondagens nos três elos da cadeia: (a) produtor agropecuário, (b) indústria antes da porteira e (c) indústria depois da porteira. O peso de cada painel foi definido de acordo com a participação de cada elo no Produto Interno Bruto do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-USP).

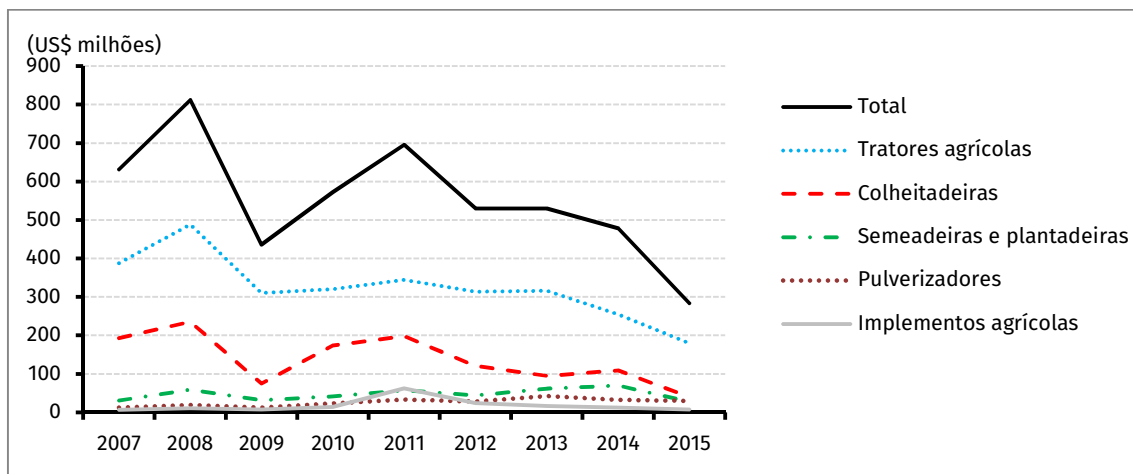
Segundo os dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (2016a), no mês de julho de 2016 as vendas de máquinas agrícolas no atacado cresceram em relação a igual mês do ano anterior (4%). Há 30 meses que não se verificava esse tipo de resultado, considerando-se no cálculo as vendas de tratores de rodas, colheitadeiras de grãos e cultivadores motorizados. No acumulado do ano, a queda nas vendas é de 25%, mas o resultado de julho pode indicar o início da recuperação do setor em relação ao ano anterior.

Outro fator que contribui para o momento de dificuldade na indústria gaúcha de máquinas e implementos agrícolas é o baixo desempenho das exportações. Em 2015, as vendas externas do Estado somaram US\$ 283,9 milhões, valor 41% inferior ao de 2014.

Ao longo do tempo, em razão da maior dimensão do mercado e de sua capacidade industrial, o Brasil foi preferido pelas principais multinacionais do setor como destino de investimentos na América do Sul. A concentração da indústria de máquinas e implementos na Região Sul também contribuiu para que as plantas produtivas brasileiras servissem de plataforma de exportação para os demais países sul-americanos. Em 2015, o RS foi responsável por mais de 40% das exportações brasileiras do setor.

Figura 40

Evolução das exportações de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul – 2010-15

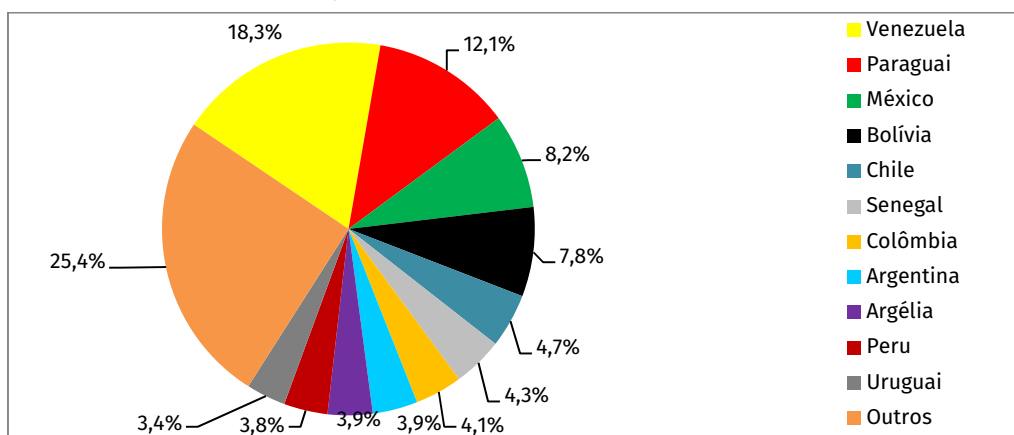


FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

Em 2015, os principais destinos das exportações gaúchas de máquinas e implementos agrícolas foram Venezuela, Paraguai, México, Bolívia, Chile, Senegal, Colômbia e Argentina.

Figura 41

Principais destinos das exportações de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul – 2015



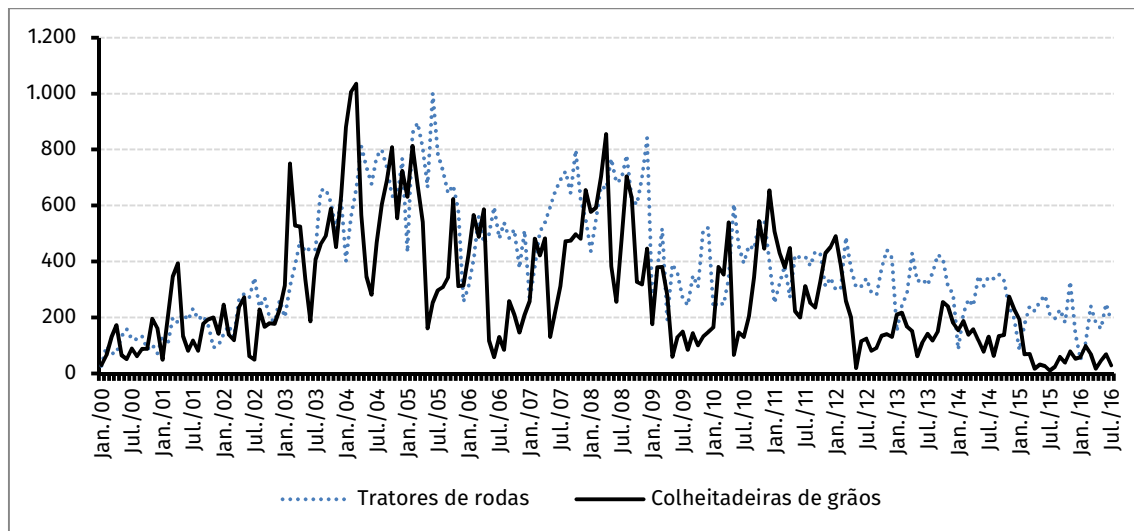
FONTE: Exportações do Agronegócio (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

NOTA: Em % do valor exportado em dólares.

Apesar de os mercados sul-americanos ainda serem relevantes, há pelo menos uma década verifica-se a tendência de diminuição da participação das exportações na produção nacional de máquinas agrícolas. Parte substancial desse movimento pode ser atribuída à expansão do mercado interno, mas a diminuição no ritmo das vendas para outros países também contribuiu. Entre as empresas associadas à Anfavea, a participação média das exportações na produção de tratores passou de 35% para 17% entre 2005-09 e 2010-14. No caso das colheitadeiras, a queda foi ainda maior: de 51% para 19%.

Figura 42

Volume de exportações de máquinas agrícolas pelas empresas associadas à Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) no Brasil — 2000-16



FONTE: Estatísticas da Anfavea (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, 2016a).

NOTA: Os índices têm como base a média de 2000 = 100.

A recente redução das vendas para a Argentina, tradicional comprador dos produtos brasileiros, está associada a uma série de medidas voltadas para a substituição de importações. Desde o primeiro governo da Presidente Cristina Kirchner (2008-11), restringiram-se as importações e fomentou-se a produção doméstica, vislumbrando os potenciais transbordamentos de renda da agricultura para a indústria local e a oportunidade de melhorar a balança comercial de um setor historicamente deficitário. As principais multinacionais do setor responderam a esses incentivos governamentais e aumentaram sua representação no país vizinho. Novos investimentos foram realizados, sobretudo nos segmentos de tratores e colheitadeiras. A título de exemplo desse movimento, citam-se: (a) em 2012, a inauguração das plantas de tratores e de colheitadeiras da John Deere em Granadero Baigorria (Santa Fé); (b) em 2013, a inauguração da nova planta de tratores e motores da AGCO em General Rodriguez (Província de Buenos Aires); (c) em 2013, a inauguração das novas instalações da Fiat Industrial para a fabricação de colheitadeiras, tratores e motores de marcas Case IH, New Holland e Fiat Powertrain, em Córdoba.

Quadro 2

Principais empresas de máquinas agrícolas com operação na Argentina

EMPRESA	ORIGEM DO CAPITAL	PLANTAS NA ARGENTINA	ATIVIDADES	
			Na Argentina	No Mundo
John Deere	Estrangeiro (EUA)	1 planta (Granadero Baigorria, Santa Fé)	Fabricação de motores, tratores e colheitadeiras, serviços de pós-venda e linhas de financiamento	Líder mundial na fabricação e comercialização de máquinas agrícolas e de equipamentos para espaços verdes.
CNH	Estrangeiro (Holanda)	1 planta (Ferreyra, Córdoba)	Tratores, colheitadeiras e outros (Case HI, New Holland, Steyr) e equipamentos para construção	Emprega 31.500 pessoas e conta com mais de 5.000 concessionárias em 170 países.
AGCO	Estrangeiro (EUA)	2 plantas (Haedo, Rosário)	Motores de colheitadeiras e pulverizadores e fabricação de tratores	Representa quase 9% do mercado mundial.
Metalflor	Nacional	1 planta (Marcos Juarez, Córdoba)	Fabricação de tratores, pulverizadores, fertilizadores e colheitadeiras	Possui uma planta produtiva no Brasil, o que permite aproveitar as linhas de crédito governamentais. Sua estratégia atual é a internacionalização, realizando vendas em 15 países.
Vassalli Fabril	Nacional	3 plantas (Firmat, Santa Fé)	Fabricação de colheitadeiras	-
Grupo Pla	Nacional	1 planta (Las Rosas, Santa Fé)	Fabricação de pulverizadores e sementeiras	Possui uma planta produtiva em Porto Alegre. Possui filial de vendas em países como África do Sul, Ucrânia, Casaquistão, Rússia, Uruguai, Paraguai e Bolívia.
Agrometal	Nacional	1 planta (Monte Maís, Córdoba)	Fabricação de sementeiras	Persegue uma estratégia de internacionalização para o qual adquiriu uma empresa de sementeiras no Brasil. Mantém relações de mercado com Itália, Espanha e Rússia.
Pauny	Nacional	2 plantas (Las Varillas, Córdoba e Santiago del Estero)	Fabricação de tratores	Vende para quase todos os países da América do Sul, Panamá, Holanda, Ucrânia e Cazaquistão.

NOTA: Adaptado a partir de Garfinkel e Ramón (2016).

Até 2008, aproximadamente 80% das vendas de tratores e colheitadeiras na Argentina constituíam-se de produtos importados. Já em 2014, pela primeira vez, o mercado argentino passou a ser majoritariamente atendido pela produção doméstica (INFORME DE COYUNTURA DE LA INDUSTRIA DE MAQUINARIA AGRÍCOLA, 2015). O resultado dessa política também pode ser percebido na participação do país vizinho nas compras brasileiras de máquinas agrícolas, que caiu de um quarto do total em 2010 para 5% em 2015 (BRASIL, 2016c).

Para a indústria gaúcha de máquinas agrícolas, é preocupante a passagem da Argentina de principal cliente externo a potencial concorrente nos mercados sul-americanos e africanos. Nos últimos anos, a queda das vendas do RS para a Argentina foi menos impactante para a indústria local em razão do crescimento do mercado brasileiro. Porém,

com a contração recente do mercado interno, o setor ressentiu-se da diminuição das compras.

Mais recentemente, com a redução dos controles cambiais (fim do “*cepo cambiario*”) e a extinção das Declarações Juradas de Autorização à Importação (DJAI), medidas anunciadas pelo novo Presidente Mauricio Macri, melhoraram as condições de acesso ao mercado argentino. Os dados acumulados até julho de 2016 revelam que a Argentina voltou a ocupar a posição de principal importador de máquinas e implementos agrícolas fabricadas no RS. Foram vendidos US\$ 24,9 milhões, o que representa 19,1% das exportações totais do setor (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2016a).

Considerações finais

Este documento foi preparado com o objetivo de oferecer informações para a sociedade gaúcha sobre a estrutura e a situação conjuntural do agronegócio do RS. No momento em que se realiza mais uma edição da *Expointer*, cresce a demanda por informações sobre a agropecuária e os segmentos a ela direta e indiretamente vinculados. O trabalho permite ao leitor obter uma visão geral do agronegócio gaúcho e suas relações com as esferas regional, nacional e internacional.

Em 2016, o Núcleo de Estudos do Agronegócio, do Centro de Estudos Econômicos e Sociais (CEES-FEE), passou a divulgar mensalmente novos indicadores para o acompanhamento conjuntural do agronegócio. Com o lançamento das estatísticas das exportações de mercadorias e do emprego formal celetista do agronegócio, expandiram-se as possibilidades de análise da dinâmica do setor e de seus principais complexos produtivos. Essas estatísticas foram utilizadas para o enriquecimento das análises dessa publicação.

Até o final do ano, a FEE, em parceria com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RS), espera divulgar os primeiros resultados de um novo indicador, referente ao valor bruto da produção agropecuária do RS. A combinação de estatísticas de produção física e preços, desagregadas regionalmente e para os principais produtos agropecuários do Estado, permitirá o acompanhamento sistemático e periódico do faturamento dos produtores rurais e o entendimento das suas principais fontes de variação (preços, produtividade, área de cultivo etc.). Com esse tipo de contribuição, espera-se que a FEE continue avançando na sua capacidade de oferecer informações que sirvam de referência para a análise da economia gaúcha e, especialmente, do agronegócio, setor de reconhecida relevância para o desenvolvimento econômico do RS.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES (ANFAVEA). **Anuário da Indústria Automobilística Brasileira — 2016**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.virapagina.com.br/anfavea2016/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES (ANFAVEA). **Estatísticas**. São Paulo, 2016a. Disponível em:

<<http://www.anfavea.com.br/docs/SeriesTemporais.zip>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Matriz de Dados do Crédito Rural**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/MICRRURAL/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Valor Bruto da Produção da Agropecuária**. Brasília, DF, 2016. Disponível em:

<http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/C%C3%B3pia%20de%202016%2006%20Valor%20Bruto%20da%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20-%20Regional%20por%20UF.xlsx>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Empresas brasileiras exportadoras e importadoras**. Brasília, DF, 2016a. Disponível em:

<http://www.mdic.gov.br/balanca/outras/EMP_EXP.zip>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Sistema AliceWeb**. 2016c. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. 2016b. Disponível em:

<<http://portal.mte.gov.br/caged/estatisticas.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. 2015. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (Conab). **Levantamentos de safra - grãos**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=2>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP). Índice de Confiança do Agronegócio. São Paulo: FIESP; OCB, 2016. Disponível em:

<<http://icagro.fiesp.com.br/icagro.asp>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

FONSECA, P. C. D. O Brasil meridional na formação econômica do Brasil. In: COELHO, F. da S.; GRANZIERA, R. G. (Org.). **Celso Furtado e a formação econômica do Brasil**. São Paulo: Atlas, 2009. V. 1, p. 116-124.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **Emprego formal celetista do agronegócio**. Porto Alegre, 2016b. Disponível em:

<<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/agronegocio/emprego-formal-celetista/serie-historica/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **Exportações do agronegócio**. Porto Alegre, 2016a. Disponível em:

<<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/agronegocio/exportacoes/serie-historica-2/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **PIB Municipal**. Porto Alegre, 2014.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **PIB Estadual**. Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<<http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/20160414tabela-pib-estadual-sh-2010-2015.xlsx>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **PIB Municipal**. Porto Alegre, 2015a. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/municipal/serie-historica/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **PIB Estadual**. Porto Alegre, 2015b. Disponível em:

<<http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/20151230pib-estadual-serie-historica-1995-2010.xls>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **PIB Trimestral**. Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/pib-trimestral/serie-historica/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

GARFINKEL, F.; RAMÓN, M. Maquinaria agrícola. **Informes de cadenas de valor**, Buenos Aires, año 1, n. 8, jul. 2016. Disponível em:

<http://www.economia.gob.ar/peconomica/docs/Complejo_Maquinaria_Agricola.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2016.

INFORME DE COYUNTURA DE LA INDUSTRIA DE MAQUINARIA AGRÍCOLA. Buenos Aires: Instituto Nacional de Estadística y Censos, segundo trimestre, año 2015. Disponível em: <http://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/maq_agricola_08_15.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=CA&z=t&o=11>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/defaultcd2010.asp?o=4&i=P>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Regionais do Brasil – 2010-2013**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Regionais/2013/xls/uf/rs.xls>. Acesso em: 18 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/prevsaf/default.asp?z=t&o=26&i=P>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física**: pesos dos produtos na indústria geral, seções e atividades: regional. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpf/regional/tabela_3.xls>. Acesso em: 26 ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Pecuária Municipal**. Rio de Janeiro, 2015b. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=24&i=P&c=3939>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física**: regional. Rio de Janeiro, 2015c. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/indust/default.asp?t=2&z=t&o=22&u1=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1&u7=1&u8=1&u9=1&u10=1&u2=34>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro, 2015a. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=11&i=P&c=1612>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

LAZZARI, M. R. Economia gaúcha dependente da agropecuária. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 1, 2012. Disponível em: <<http://carta.fee.tche.br/article/economia-gaucha-dependente-da-agropecuaria/>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

PAIVA, C. A. N.; ROCHA, A. L.; THOMAS, G. A competitividade estrutural da agroindústria do leite no Rio Grande do Sul. In: BASSO, D.; TRENNEPOHL, D. (Org.). **Planejamento estratégico de arranjos produtivos locais**: plano de desenvolvimento do APL agropecuário familiar da Região Ceilero 2014-2020. Ijuí: UNIJUI, 2014. V. 1, p. 41-74.

PORSSE, A. A. **Notas metodológicas sobre o dimensionamento do PIB do agronegócio do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2003. (Documentos FEE, n. 55).

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação. Divisão de Controle e Informações Sanitárias. **Estatísticas de animais guiados para abate**. Porto Alegre, 2016a.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Valor das Saídas Fiscais do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2016. Documento interno.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. **Agroindústrias cadastradas no Programa Estadual de Agroindústria Familiar**. Porto Alegre, 2013.

SISTEMA OCERGS-SESCOOP/RS. **Expressão do cooperativismo gaúcho 2015**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://stampacom.com.br/pf/sescoop/exp2015/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.